



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

A Malagueira como nunca o foi

Volume I

João António Galhardo dos Santos

Orientação: Marta Sequeira Carneiro

Mestrado Integrado em Arquitectura

Trabalho de Dissertação

Évora, 2017

ESTA DISSERTAÇÃO ESCREVEU-SE EM FUTURA, TAL COMO UM FILME DE WES ANDERSON.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai.

À minha mãe, por todo o apoio e sacrifício, pela esperança de que um dia eu fosse alguém.

Aos meus irmãos, por todo o apoio durante toda a minha vida.

À minha orientadora, pela disponibilidade e paciência.

A Niall Hobhouse e à *Drawing Matter*. Sem o seu apoio esta dissertação não seria possível.

A Nuno Ribeiro Lopes, João Gomes da Silva e Abílio Fernandes pela sua disponibilidade.

À Andreia, ao Marco, ao Saraiva, ao Dimas, ao Antão, ao Silva, ao Velez, à Patrícia, à Marina pela ajuda. Ao Rui e à Cris pela porta sempre aberta.

VOLUME I –

005 AGRADECIMENTOS
007 ÍNDICE
008 RESUMO/ ABSTRCT

010 **01.** **INTRODUÇÃO**

016 **02.** **ÉVORA NO PÓS 25 DE ABRIL DE 1974**
022 **02.1** **CONTEXTO MORFOLÓGICO**
022 **02.2** **CONTEXTO SOCIO-POLÍTICO**

026 **03.** **DA ENCOMENDA AO ANTEPLANO**
030 **03.1** **«CADERNO 1 3/77 ÉVORA/BOUÇA»**
042 **03.2** **A ESTRATÉGIA**
070 **03.3** **PLANO DE PORMENOR**

VOLUME II – O QUE NUNCA FOI

084 04. O QUE NUNCA FOI
084 04.1 PRIMEIRA FASE (1978-1979)
088 I. PRIMEIRAS VERSÕES DA SEMICÚPULA
100 II. ENCOMENDA DA NOVA SEDE PARA A COOPERATIVA BOA VONTADE
106 04.2 SEGUNDA FASE (1980-1985)
110 I. «BROADWAY 2»
116 II. ENCOMENDA DO MOTEL
122 III. DE VOLTA À SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE
132 04.3 TERCEIRA FASE (1986-1993)
136 I. COMPLEXO PAROQUIAL
150 II. APARTHOTEL
160 III. RESTAURANTE / CASA DE CHÁ
174 IV. ESCOLA DE LÍNGUAS
184 04.4 OUTRAS FASES (1994-)
186 I. CLÍNICA MÉDICA
192 II. SEMICÚPULA — ESTUDO PRÉVIO
200 III. SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE — LICENCIAMENTO

214 05. CONSIDERAÇÕES FINAIS

218 06. BIBLIOGRAFIA

224 LISTA DE ACRÓNIMOS

VOLUME III – ANEXOS

07. ENTREVISTAS
230 07.1 ENTREVISTA AO DR. ABÍLIO FERNANDES
234 07.2 ENTREVISTA AO ARQUITECTO NUNO RIBEIRO LOPES
242 07.3 ENTREVISTA AO ARQUITECTO PAISAGISTA JOÃO GOMES DA SILVA

08. DESENHOS
252 08.1 SEMICÚPULA
258 08.2 SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE
272 08.3 BROADWAY 2
278 08.4 APARTHOTEL
284 08.5 COMPLEXO PAROQUIAL
294 08.6 RESTAURANTE / CASA DE CHÁ
300 08.7 ESCOLA DE LÍNGUAS
306 08.8 CLÍNICA MÉDICA

312 FONTE DE IMAGENS

09. CADERNOS PESSOAIS DE ÁLVARO SIZA
09.1 «CADERNO 1 (MARÇO 77) – ÉVORA, BOUÇA»
09.2 «CADERNO 5 (JUNHO 77) – ÉVORA (LEVANTAMENTO PLANO GERAL)»
09.3 «CADERNO 13 (DEZEMBRO 77) – ÉVORA (CASA)»
09.4 «CADERNO 22 (MAIO 78) – ÉVORA (VIADUTO CÚPULA)»
09.5 «CADERNO 111 (MAIO 82)»

A Malagueira como nunca o foi

RESUMO

A Malagueira como nunca o foi, procura fazer uma reconstrução do processo de concepção arquitectónica do projecto do Bairro da Malagueira (1977-), em Évora, no Alentejo, do Arquitecto português Álvaro Siza Vieira (1933-). Com base numa série de desenhos rigorosos, esboços, fotografias e maquetas — material até agora em grande parte inédito —, pretende-se demonstrar o papel fundamental dos elementos não construídos no conjunto.

Palavras-Chave:
Évora; Malagueira; Álvaro Siza Vieira; Cidade.

The Malagueira as it has never been

ABSTRACT

«The Malagueira as it has never been», seeks to make a reconstruction of the architectural design process of the project of Malagueira Quarter (1977-) in Évora, Alentejo, by the Porto Based architect Álvaro Siza Vieira (1933 -). Based on a set of rigorous project drawings, sketches, photographs and models — largely unpublished material —, it tries to demonstrate the vital role of unbuilt elements in the ensemble.

Key-Words:
Évora; Malagueira; Álvaro Siza Vieira; City.

01. INTRODUÇÃO

O objecto de estudo desta investigação é o Bairro da Malagueira, projectado pelo Arquitecto Álvaro Siza Vieira (1933-), entre 1977 e 2005⁰¹, para os arredores da cidade de Évora.

Trata-se de um bairro construído no período após a revolução de 25 de Abril de 1974, numa fase em que a cidade de Évora tinha falta de habitações disponíveis. Este projecto surgiu na sequência das Operações SAAL (1974-1976), um programa de assistência à construção de habitação promovida por associações de moradores, lançado como experiência piloto por iniciativa legislativa do arquitecto Nuno Portas, então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo do II Governo Provisório.

Construído em várias fases, o projecto engloba um conjunto de 1200 fogos, infra-estruturas e edifícios públicos, numa área de 27 hectares — sendo que um terço corresponde a uma enorme zona verde.

A malha urbana é organizada através de uma infraestrutura principal, a conduta. A partir deste elemento são desenhados os núcleos de habitações unifamiliares em banda, de dois pisos, que podem ter entre um a cinco quartos. Os edifícios públicos de suporte ao bairro, por sua vez, ocupam os pontos notáveis da conduta.

O objectivo deste trabalho é fazer uma reconstrução do processo de projecto do Bairro da Malagueira de Álvaro Siza, dedicando especial atenção a todos os equipamentos constantes no projecto e que não foram construídos: a semicúpula (1978-1999) — que assinala a praça centralizante do bairro —; a Sede da Cooperativa da Boa Vontade (1978-2005); uma rua comercial (1982-1983) — referenciada nos documentos do projecto como «Broadway 2» —; um aparthotel (1983-1992); um complexo paroquial (1988-1989); um restaurante / casa de chá (1992); uma escola de línguas (1992) e uma clínica médica (1997).

Há então que analisar as várias versões do projecto, avaliando o papel que estes elementos foram desempenhando ao longo de todo o processo, bem como ponderar de que forma seriam fundamentais para a coerência do conjunto, e de que forma o seu conhecimento deverá ser relevante para eventuais intervenções futuras.

⁰¹ Esta data está relacionada com a data do projecto de licenciamento para primeira fase de construção para Sede da Cooperativa Boa Vontade, sendo o último projecto relacionado com o Bairro da Malagueira que Álvaro Siza projecta para o bairro da Malagueira.

Para se concretizar esta reconstrução, torna-se necessário recorrer a esboços, desenhos rigorosos, memórias, cartas, maquetas, fotografias, entrevistas e conferências.

Hoje, uma parte do espólio referente ao trabalho de Álvaro Siza na Malagueira é parte integrante da colecção da *Drawing Matter*⁰², localizada em Somerset, Inglaterra. Esta colecção inclui desenhos, esboços e maquetas das diversas tipologias habitacionais — desde as duas iniciais até às tipologias especiais encomendadas posteriormente pelas cooperativas —, bem como dos edifícios não construídos. Contém também cinco cadernos de tamanho A4, que apanham diferentes fases de projecto e construção do Bairro da Malagueira — «Caderno 1 (Março 77) - Évora, Bouça»; «Caderno 5 (Junho 77) - Évora (levantamento plano geral)»; «Caderno 13 (Dezembro 77) - Évora (casa)»; «Caderno 22 (Maio 78) - Évora (viaduto cúpula)»; «Caderno 111 (Maio 82)». Como complemento, é utilizada a documentação — desenhos, memórias descritivas, cartas — presente na Divisão de Gestão Urbanística/ Obras Particulares e na Divisão de Ordenamento e Reabilitação Urbana do Arquivo da Câmara Municipal de Évora, imagens presentes no Arquivo Fotográfico de Évora, e artigos, cartas e discursos transcritos presentes no Núcleo de Documentação da Câmara Municipal de Évora.

Trata-se, em grande maioria, de material até hoje inédito.

A partir daqui, surge então uma conjectura: a de que a construção dos edifícios constantes no projecto e que não foram construídos seria capital para uma total coerência do conjunto. Esta dissertação pretende verificar a validade desta hipótese, contribuindo assim para um entendimento mais profundo do Bairro da Malagueira. Este conhecimento poderá ser relevante não só para uma melhor compreensão da obra de Álvaro Siza, como também da própria Malagueira, podendo vir a desempenhar um papel relevante no seu desenvolvimento futuro.

A publicação mais próxima dos objectivos deste trabalho será *Álvaro Siza: Barrio de la Malagueira*, Évora de Enrico Molteni, de 1997. No entanto, esta obra, debruça-se essencialmente sobre o módulo habitacional, quando a tese aqui apresentada pretende recentrar a atenção nos equipamentos.

⁰² «As Colecções da *Drawing Matter* contém um corpo de trabalho que inclui uma gama de material arquitectónico focado no desenhar da exploração e descoberta de ideias e os meios de suger-las. [...] Como organização segue uma abordagem discursiva, particularmente no que diz respeito aos momentos de inovação e criatividade que se avançam através do esboço, do caderno de desenho, do desenho do estudo e da representação.» Excerto da descrição da *Drawing Matter* presente no seu site (<https://www.drawingmatter.org/>). Tradução do autor.

A tese *Customizing Mass-Housing — A discursive grammar for Siza's Malagueira houses*, por sua vez, de José Pinto Duarte, de 2001, propõe um modelo matemático e a implementação parcial de um sistema que permitiria gerar automaticamente na internet, soluções habitacionais com uma determinada linguagem arquitectónica que satisfizessem requisitos definidos à partida. A tese *Operação SAAL/Évora: A construção de uma vontade, o Bairro da Malagueira* de Rita Fonseca Martins, de 2007 e a tese *74-86 arquitectura em Portugal: uma leitura a partir da imprensa* de Sofia Borges Simões dos Reis, de 2007, fazem uma aproximação sobretudo, social-económica, histórica, política ao Bairro da Malagueira. Esta investigação, ao contrário das anteriores, procura contribuir para um conhecimento mais aprofundado sobre o método de trabalho e processo de pensamento arquitectónico de Álvaro Siza tendo como base de estudo os equipamentos não construídos para o Bairro da Malagueira, que não são referenciados por José Pinto Duarte, Rita Fonseca Martins ou Sofia Borges Simões dos Reis.

Por sua vez, a tese *A casa de Siza (Sine Distantia)*, de Isabel Maria Rodrigues da Silva, de 2006, analisa o trabalho de Siza apoiando-se não só nos seus desenhos como nos seus mestres, escultores, pintores, poetas, arquitectos, artesãos, entre outros. Esta investigação serviu de inspiração, do ponto de vista metodológico para esta tese, visto procurar nas raízes culturais e na análise do processo de projecto de Álvaro Siza o material para a recriação de uma obra da sua autoria (neste caso, a Casa Avelino Duarte – Ovar – 1980-1984).⁹³ Esta tese de doutoramento foi orientada por Josep Quetglas, autor de uma reconstrução⁹⁴, nos mesmos moldes, da *Villa Savoye* de Le Corbusier.

Tal como Rafael Moneo explicou em relação ao trabalho de Manfredo Tafuri na reconstrução do Palácio Carlos V, em Granada, «Tafuri se entusiasma siguiendo en los dibujos el rastro de lo que fue el proceso mental seguido por el Arquitecto»⁹⁵. Esta descrição retrata precisamente o principal objectivo da tese que agora se apresenta: seguir, através dos desenhos, o rasto do que terá sido o processo mental do arquitecto.

Esta investigação pretende preconizar a ideia de recriação de um projecto de arquitectura, partindo do principio de que para se analisar um projecto é necessário fazê-lo — metaforicamente — de novo.

⁹³ **SILVA, Isabel Maria Rodrigues da**, *A casa de Siza: sine distantia*. Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2006. Tese de Doutoramento.

⁹⁴ **QUETGLAS, Josep**, *Les Heures Claires*. Proyecto y arquitectura en la Villa Savoyes de Le Corbusier y Pierre Jeanneret, Massilia: Associació d'idees. Centre d'Investigacions Estètiques. Sant Cugat del Vallès, 2008.

⁹⁵ **MONEO, José Rafael**, «La "Recerca" como legado», *Circo*, 2nd Series, La Cadena de Cristal, Madrid: Circo M.R.T., n.º 48, 1997.

02. ÉVORA NO PÓS 25 DE ABRIL DE 1974

02.1 CONTEXTO MORFOLÓGICO

A cidade de Évora situa-se no Alentejo Central. Localiza-se num monte que, rematado pela sua sé, atinge os 300 metros de altitude, sendo visível de quase todos os pontos em seu redor.

O seu centro, constituído por um notável património histórico-monumental, preserva a estrutura medieval original, estando a cidade intra-muros classificada desde 1986 como Património da Humanidade pela UNESCO⁰⁶. Não obstante, existe ainda um grande conjunto de valores paisagísticos e arquitectónicos exteriores às muralhas, como os conventos da Cartuxa, do Espinheiro, de S. Bento de Cástris, e de Bom Jesus, os moinhos do Alto de S. Bento, o Aqueduto das Águas de Prata, o Solar dos Cogominhos em Torre de Coelheiros⁰⁷ bem como toda uma série de quintas agrícolas e de recreio nas quais se enquadra a Quinta da Malagueirinha — e com ela toda a área de campos em poisio que viria a constituir o Bairro da Malagueira.

A partir de meados da década de 1940 surgiu a necessidade de ocupar o território tanto com bairros habitacionais, como com equipamentos e estruturas (aterro sanitário, estação de tratamento de águas residuais, subestação eléctrica, aeródromo, kartódromo, entre outros, esbatendo o contraste urbano/rural.

Para além de uma diversidade tipológica e morfológica enorme, estas zonas de expansão são caracterizadas por uma acentuada descontinuidade e desqualificação, sendo que zonas industriais e habitacionais intercalam com espaços agrícolas, terrenos em poisio, áreas degradadas de armazéns, «showrooms» ao ar livre, de venda de automóveis e outros materiais, centrais de betonagem e britagem, bem como depósitos de entulho e sucata.

⁰⁶ O Centro histórico de Évora foi constituído Património da Humanidade pela UNESCO depois da recomendação exercida pelo ICOMOS no ano anterior, que passo a citar. «That the proposed cultural property be included on the World Heritage List on the basis of criteria II and IV.

C) JUSTIFICATION The Portuguese government is nominating the historic center of Évora for inclusion on the World Heritage List. Évora is the capital of the Alentejo province and one of the tourist attractions of the south. In spite of sharp population growth which has led to the construction of new quarters to the west, south and east, this museum city has retained all of its traditional charm inside the Vauban-style wall built in the 17th century according to the plans of Nicolas de Langres, a French engineer. The rural landscape to the north has gone virtually unchanged. Évora has been shaped by nearly twenty centuries of history, going as far back as Celtic times. It fell under Roman domination, was called Liberalitas Julia and among other ruins, still retains those of the Temple of Diana. During the Visigothic period, the Christian city occupied the surface area surrounded by the Roman wall, which was then re-worked. Under Moorish domination, which came to an end in 1165, further improvements were made to the original defensive system as shown by a fortified gate and the remains of the ancient Kasbah. Moreover, the toponymy is indicative of the Maghreb population which remained after the reconquest in the la Mouraria quarter in the northeast. There are a number of buildings from the medieval period, the best known of which is unquestionably the Cathedral, begun in 1186 and essentially completed in the 13th and 14th centuries. But it was in the 15th century, when the Portuguese kings began living there on an increasingly regular basis that Évora's golden age began. At that time, convents and royal palaces sprung up everywhere: Saint Claire Convent, founded in 1452, the royal church and convent of Sao Francisco, founded in 1480, not far from the royal palace of the same name, begun in 1470, Loios Convent with Sao Joao Evangelista Church, after 1485. These splendid monuments which were either entirely new buildings or else constructed within already existing establishments, are characterized by the Manoelina style which survived in the major creations of the 16th century: Palace of the Counts of Basto, built upon the site of the Alcazar and the Church of the Knights of Calatrava, the convents of Carmo and da Graça, Santo Antão, Santa Helena do Monte Calvário, etc. The 16th century was a time of major urban planning as demonstrated by the ancient style: Agua da Prata aqueduct built in 1537 by Francisco de Arruda and the many fountains which remain (la Praça do Geraldo being the best known). It also marked the beginning of Évora's intellectual and religious influence. The University of the Holy Spirit, where the Jesuits taught from 1553, played a role in the south which was comparable to that of Coimbra in the north of the kingdom. Moreover, Évora began a rapid decline following the expulsion of the Company of Jesus by the Minister, Pombal, in 1759. Évora is also interesting for reasons other than its monumental heritage related to significant historic events and royal orders. This interest also goes beyond the many 16th-century patrician houses (Cordovil house, the house of Garcia de Resende). In fact, the unique quality of the city arises from the coherence of the minor architecture of the 16th, 17th and 18th centuries which finds its overall expression in the form of myriad low whitewashed houses, covered with tile roofs or terraces which line narrow streets whose layout is of medieval configuration in the old city center and which in other areas bears witness to the concentric growth of the town up to the 17th century. Wrought iron and azulejo decoration, which is splendid convents and palaces and very charming in the most dwellings serves to strengthen the fundamental unity of a architecture which is perfectly adapted to the climate site. After recalling that the city of Évora was placed by a group of experts on the list of historic towns which could be included on the World Heritage List, ICOMOS justifies the nomination of the Portuguese government on the basis of criterion IV and secondarily criterion II. Criterion IV. Évora is the finest example of a city of the golden age of Portugal after the destruction of Lisbon by the earthquake of 1755. Criterion II. The cityscape of Évora alone can enable us to understand the influence exerted by Portuguese architecture in Brazil, in sites such as Salvador de Bahia (included on the World Heritage List in 1985). » ICOMOS, Abril 1986 (excerto retirado do website <http://whc.unesco.org/en/list/361/documents/>).

⁰⁷ **CANCELA D'ABREU, Alexandre, PINTO-CORREIA, Teresa, OLIVEIRA, R.,** *Contributos para a Identificação e Caracterização das Unidades de Paisagem em Portugal Continental.* (s.l.) DGOTDU Ed., Volumes I a V. 2004. Volume V p. 46.

BAIRRO DAS PITES

BAIRRO DO BACELO

BAIRRO FREI ALEIXO

BAIRRO DA COMENDA

**BAIRRO DA CARTUXA
BAIRRO DA TAPADA**

BAIRRO DAS PITES

**BAIRRO 25 DE ABRIL
BAIRRO VISTA ALEGRE**

BAIRRO NOSSA SENHORA DA SAÚDE

**BAIRRO DE S. SEBASTIÃO
BAIRRO DOS TRÊS BICOS**

**BAIRRO DA MALAGUEIRA
BAIRRO DAS FONTANAS
CENTRO HISTÓRICO**

BAIRRO DA NÁU

BAIRRO VILA LUSITANO

BAIRRO HORTA DO BISPO

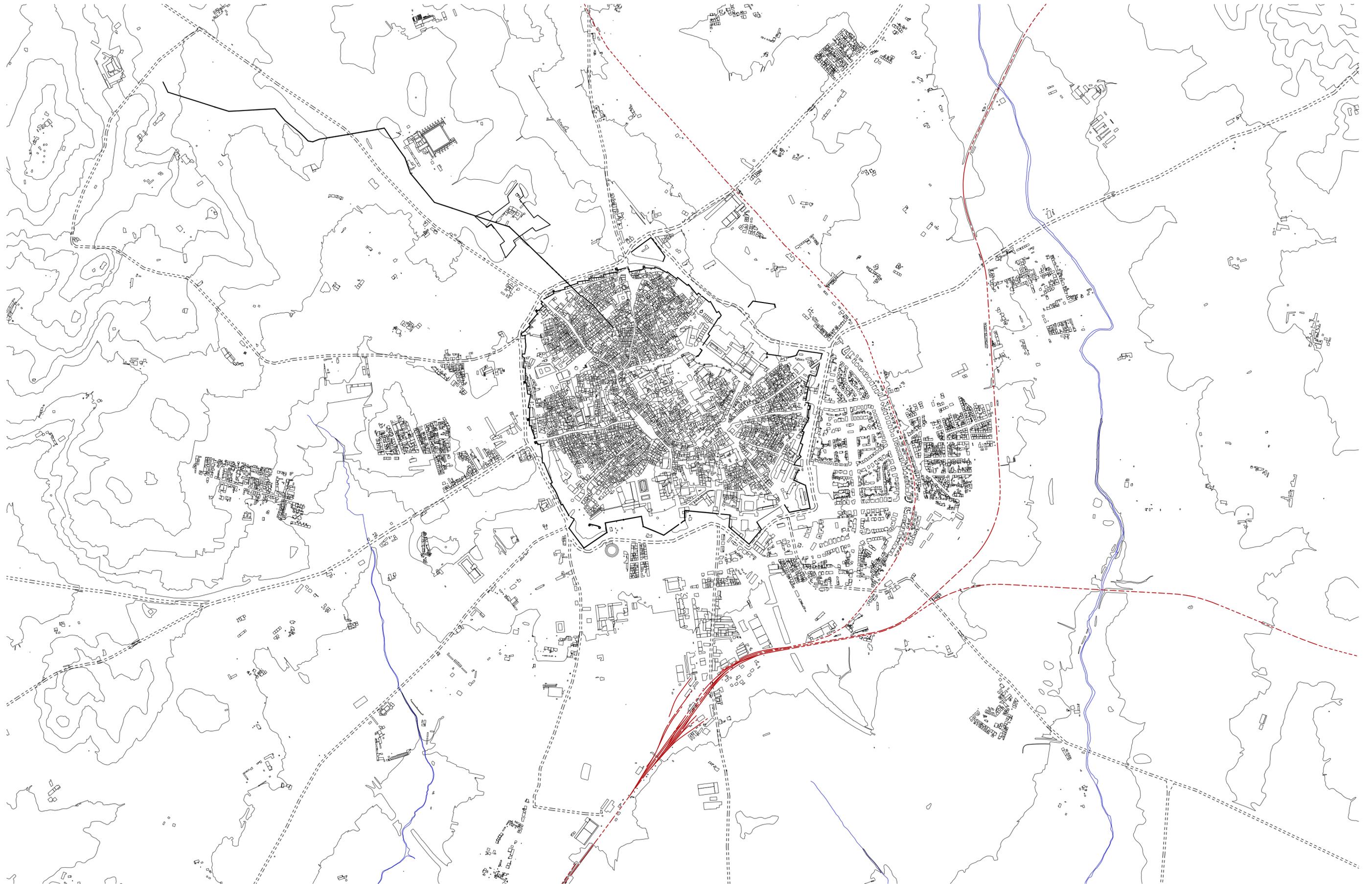
BAIRRO HORTA DAS FIGUEIRAS

BAIRRO DOS MOINHOS

ZONA INDÚSTRIAL

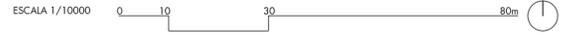
BAIRRO DE ALMEIRIM





ÉVORA ANTES DO PLANO DE EXPANSÃO OESTE (COM BASE NA CARTA MILITAR DE 1965)

- - - - - CAMINHOS DE FERRO
 - - - - - PRINCIPAIS VIAS



02. ÉVORA NO PÓS 25 DE ABRIL DE 1974

02.2 CONTEXTO SOCIOPOLÍTICO

Na segunda metade dos anos 1970, Portugal vivia um espírito de renovação e principalmente de reestruturação, tanto política como social e financeiramente — devido à Revolução ocorrida a 25 de Abril de 1974, que pôs termo ao regime ditatorial de António de Oliveira Salazar (1889-1970) e Marcelo Caetano.

O período de debate e contestação política e ideológica que imediatamente lhe seguiu, gerou em Portugal um movimento reivindicativo, associado a várias manifestações sociais e de regeneração urbana, dando sequência ao Serviço de Apoio Ambulatório Social (SAAL) que o Segundo Governo Provisório criou, inserido no Fundo Fomento da Habitação⁰⁸.

O SAAL foi criado em Agosto de 1974 e extinto em Outubro de 1976. Foi inserido, como experiência piloto, na iniciativa legislativa do arquitecto Nuno Portas, então Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo do Segundo Governo Provisório. Tratava-se de um programa político, que tinha como objectivo resolver de forma económica e urgente a necessidade de habitação de carácter social em Portugal e de boleia, criar uma organização social e política da procura, tornando um povo iletrado e apolítico, em cidadãos de pleno direito. Este programa estatal que abrangeu o território de Évora, «não tendo uma definição inicial muito clara»⁰⁹, procurava dar apoio financeiro, logístico, social, projectual e burocrático através das Câmaras Municipais, mais tarde através das associações de moradores organizadas (que, com o desfecho do programa SAAL, se vieram a transformar em cooperativas de habitação).

As primeiras eleições autárquicas democráticas realizaram-se a 12 de Dezembro de 1976 e no caso particular do Concelho de Évora os resultados demonstraram alguma pluralidade.

⁰⁸ Criado em 1969.

⁰⁹ **ALVES COSTA, Alexandre**, «Intervenção participada na cidade/A experiência do Porto», in Alexandre Alves Costa, *Candidatura Ao Prémio Jean Tschumi : UIA 2005*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, Caleidoscópio, 2006.

O partido vencedor foi a Frente Eleitoral Povo Unido¹⁰ (FEPU) com 41,47% dos votos com três candidatos eleitos; em segundo ficou o Partido Socialista (PS) com 33,13% dos votos e também com três candidatos eleitos; em terceiro ficou o Partido Social Democrata (PPD-PSD) com 10,96% dos votos e com apenas um candidato eleito, restando apenas o Partido do Centro Democrático Social (CDS/PP — hoje denominado Partido Popular) e os Grupos Dinamizadores da Unidade Popular (GDUPs), ambos sem qualquer candidato eleito.¹¹

Depois das eleições de Dezembro de 1976, já com o SAAL extinto, Abílio Fernandes, recém-eleito Presidente da Câmara Municipal de Évora, encabeçou uma equipa disposta a quebrar o sentido político e económico vivido durante os últimos 40 anos de governo Salazarista.

No entanto, vivia-se um tempo de revolução e essa ideia era comum às diversas forças políticas. E mesmo a sua pouca experiência de gestão administrativa não o fez cavar no cumprimento dos seus desígnios.

Durante o período Salazarista não existiu planeamento em Évora, nem tão pouco fiscalização, pelo que o pouco que as pessoas construíam na cidade não passava de construções improvisadas com os poucos meios que detinham, «produzindo modelos urbanos totalmente desarticulados da cidade».¹²

Com o desenvolvimento imposto no após Revolução de 25 de Abril de 1974, entendeu-se que era necessário reflectir sobre a construção clandestina, e a ferramenta — generalizada, de resto, por todo o país — acabou por ser o desenvolvimento de cooperativas de construção económica, trabalhando em proximidade com a população, os arquitectos, os empreiteiros, e os corpos camarários elevando a formação profissional, considerada «um capital ao qual não se pode renunciar».¹³

¹⁰ A FEPU foi uma coligação formada entre o Partido Comunista Português, o Movimento Democrático Português — Comissão Democrática Eleitoral e pelo Frente Socialista Popular, com o objectivo de concorrer às eleições autárquicas de 1976. Esta coligação manteve-se até 1978 aquando da saída da Frente Socialista Popular, passando esta coligação a denominar-se de Aliança Povo Unido.

¹¹ Dados adquiridos através do CNE — Comissão Nacional de Eleições Desenvolvimento e Programação.

¹² **FERNANDES, Abílio**, «Plano de pormenor para a zona da Malagueira, Évora», in *Arquitectura*, n.º 132, Lisboa, Março de 1979, pp. 34-49.

¹³ **SIZA, Álvaro**, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 109.

03. DA ENCOMENDA AO ANTEPLANO

Depois da encomenda do Bairro da Malagueira, feita pela Câmara Municipal de Évora a Álvaro Siza no início de 1977¹⁴, Álvaro Siza desenvolve a sua proposta de Plano entre Março e Agosto, com discussão pública e aprovação a Novembro desse mesmo ano.

O plano destinava-se a uma área de 27 hectares, situada a oeste do centro histórico eborense, classificada como zona de expansão prioritária pela Direcção Geral de Sistematização Urbanística. Esta direcção-geral tinha projectado um plano de expansão urbanística para a zona oeste da cidade de Évora, aprovado em Novembro de 1975 (porém vetado pelo Arquitecto Nuno Portas, enquanto secretário de estado), que consistia na construção de edifícios de 5 a 7¹⁵ pisos, tal como os que já se encontravam construídos já ali muito próximo (Bairro da Cruz da Picada) [001].

Os dirigentes da Câmara Municipal colocaram como premissa para o novo plano a continuidade de alguns aspectos do plano anterior. Os 1200 fogos previstos para alojar mais de 4000 habitantes teriam de ser integrados e articulados com os bairros clandestinos imediatos, nomeadamente o bairro das Fontanas, o bairro de Santa Maria e o Bairro de Nossa Senhora da Glória [002], assim como os bairros que já se encontravam em construção promovidos pelo Fundo de Fomento para a Habitação, bem como um Pólo Universitário já previsto — que nunca viu a luz do dia — que limitaria a norte o lote de intervenção. Seria também necessário que se mantivesse o mesmo rácio da área verde que já existia no anterior plano de expansão oeste — cerca de um terço da área total¹⁶ — e que se preservasse a linha de água existente.

Havia portanto, uma intenção de preservar o território e experimentar novas soluções para a habitação.¹⁷



001



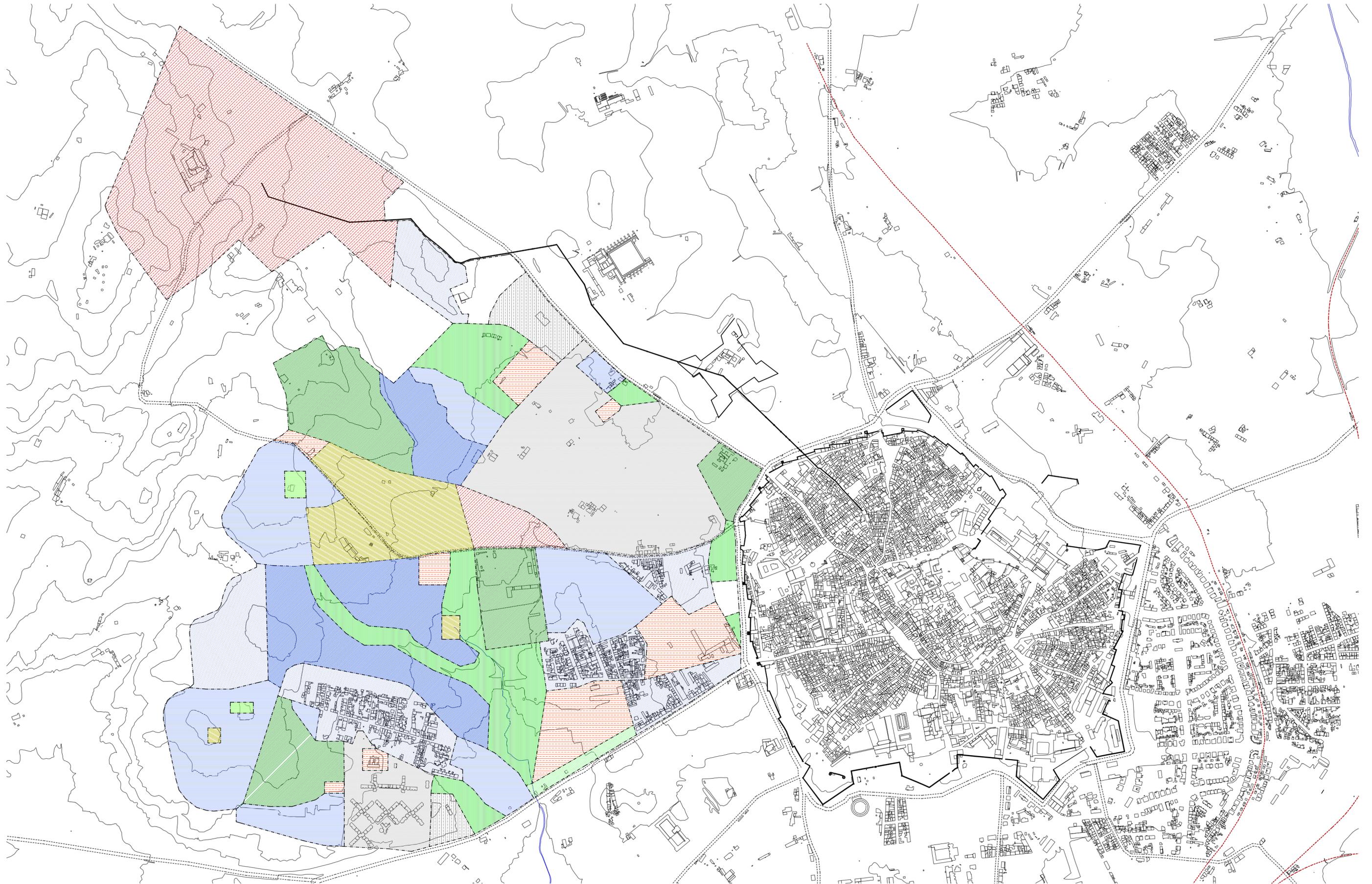
002

¹⁴ Segundo a descrição feita por Abílio Fernandes, em entrevista, ao autor (ver em anexo p.000 Volume III) tudo indica que terá sido das primeiras medidas tomadas pelo novo corpo administrativo da CME, após a tomada de posse, em Janeiro de 1977, bem como tendo em consideração que a primeira visita de Álvaro Siza a Évora, com o intuito de conhecimento do local de implantação do Bairro da Malagueira acontece entre 18 e 20 de Março do mesmo ano.

¹⁵ **MOLTENI, Enrico.** *Álvaro Siza: Barrio de la Malagueira, Évora.* trad. Carlos Muro, Maurici Pla. - Barcelona: Ediciones UPEC, 1997, p.14.

¹⁶ **OLIVEIRA, Pedro, MARCONI, F.** «Plano de pormenor para a zona da Malagueira, Évora», in *Arquitectura*, n.º 132, Lisboa: Março de 1979, pp. 34-49.

¹⁷ **SIZA, Álvaro.** *Imaginar a evidência.* Lisboa: Edições 70, 1998, p. 105.



PLANO DE EXPANSÃO OESTE DE ÉVORA (1975)

- CAMINHOS DE FERRO
- PRINCIPAIS VIAS
- - - LIMITE DE ZONAS
- BARRIOS EXISTENTES A RESTRUTURAR
- ESPAÇOS A PRESERVAR
- INSTALAÇÕES ESCOLARES
- INSTALAÇÕES UNIVERSITÁRIAS
- ZONA RESERVA URBANA
- ZONA URBANA COM PLANO APROVADO
- ZONA DE EQUIPAMENTOS
- ZONA PROTECÇÃO PAISAGISTA
- ZONA VERDE COMPLEMENTAR
- ZONA VERDE PROPOSTO
- ZONA RESIDENCIAL (BLOCOS)
- ZONA RESIDENCIAL (MORADIAS)

ESCALA 1/7500

0 25 75 200m

03. DA ENCOMENDA AO ANTEPLANO

03.1 «CADERNO 1 3/77 ÉVORA/BOUÇA»

Álvaro Siza visitou Évora pela primeira vez em trabalho — já tinha visitado Évora anteriormente, embora apenas como turista¹⁸ —, com o intuito de conhecer o local de implantação do projecto do Bairro da Malagueira, entre 18 e 20 de Março de 1977.¹⁹ O encontro na Praça do Sertório com os representantes da Câmara Municipal estava marcado para as 9 horas da manhã. Quando Siza chegou, tentaram encaminhá-lo para um carro — para o levar até ao local de implantação do futuro bairro —, mas o arquitecto recusou, pedindo para fazer o percurso a pé.²⁰ O objectivo era simples: compreender o percurso percorrido entre o centro histórico eborense e a quinta da Malagueira. Pelo caminho foi desenhando as ruas, tirando fotografias, tirando apontamentos.

As suas descrições consistiam tanto em observações de carácter técnico como em observações sobre o uso popular da via pública em jeito de verso, sem qualquer regra ou preocupação [024 a 030].

Trata-se de descrições puramente pessoais, parecendo a maior parte delas escritas e desenhadas em pé e sem qualquer apoio — facto indicado pela letra tremida e por vezes pouco legível.

Álvaro Siza descreve a sua primeira visita ao local de implantação dando ênfase à presença das suas preexistências, «um banho árabe, perto da linha de água, e um sobreiro e um tanque numa zona mais alta».²¹

O bairro de Santa Maria é escondido por edifícios de sete pisos, construídos com base no plano anterior de expansão oeste da cidade de Évora, situando-se entre a estrada nacional que liga Évora a Lisboa e uma outra, paralela, municipal.

014



003



004



005



006



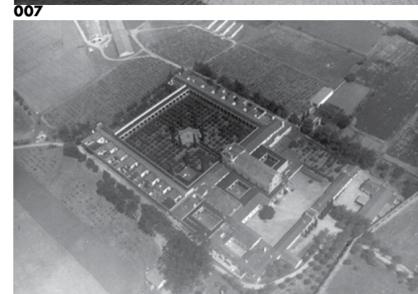
007



008



009



010



011

¹⁸ Como referência Álvaro Siza na conferência que proferiu a 31 de Março de 2016, no Schweizerisches Architekturmuseum em Basel, Suíça.

¹⁹ Esta informação aparece logo na primeira página do «CADERNO 1 3/77 ÉVORA/BOUÇA» [013].

²⁰ Esta descrição foi-me facultada pelo arquitecto — e professor do Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora — João Nasil Pereira, aquando de uma conversa com os seus alunos e comigo inserida numa visita guiada — pelo autor a 24 de Setembro de 2015 — à exposição «Fórum Malagueira» presente no Fórum Eugénio de Almeida em Évora.

²¹ SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 113.

A nordeste da área do plano encontra-se a quinta da Malagueirinha (com um laranjal em evidência), que encosta a outro bairro clandestino, o Bairro Nossa Senhora da Glória (onde existem dois moinhos abandonados). Por se tratar de uma grande área de terreno em pousio, Álvaro Siza terá iniciado o seu estudo procurando perceber como estava estruturado e como funcionava o Bairro de Santa Maria. Terá procurado compreender como é que as pessoas viviam o seu quotidiano — os percursos que faziam para «ir buscar água às fontes, para irem à escola ou a outro bairro».²²

Ter-se-á tornado claro que seria necessário acentuar a ligação entre os dois bairros clandestinos, o que terá originado o eixo este-oeste — que não só liga os dois bairros, como serve de continuidade da via de acesso à cidade.

Para facilitar os movimentos do tráfego, Álvaro Siza terá ainda estabelecido um eixo norte-sul, que ligaria o eixo este-oeste à estrada para Lisboa.

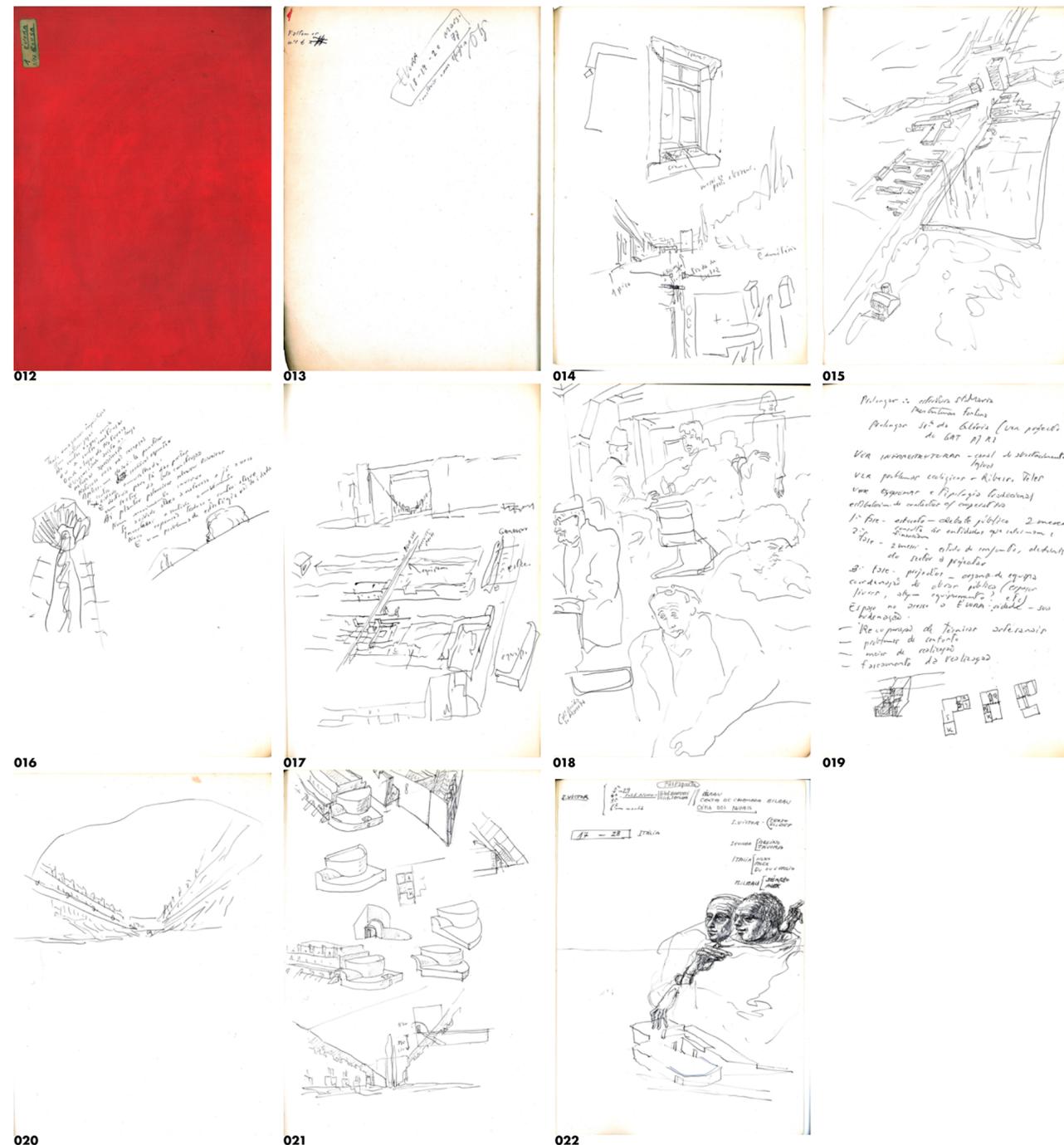
Durante esta visita, Álvaro Siza fez uma viagem de avioneta, previamente requerida à CMÉ,²³ que o terá levado a melhor compreender o terreno e as relações entre a área de intervenção e a cidade.

Tirou também apontamentos sobre a Porta de Alconchel, visto haver planos por parte da CME para alteração dessa porta de entrada na muralha e conseqüente largo exterior, ponto chave na articulação entre o centro histórico e o eixo de acesso à Malagueira.

Através da análise das fotografias e esboços que foram feitos durante este voo, verifica-se a recorrente referência ao Aqueduto da Água de Prata, às quintas de recreio envolventes à cidade, bem como o seu fascínio pelo Convento da Cartuxa [008 a 011].

Em 1977, na altura em que começou o projecto para o bairro da Malagueira, o Arquitecto Álvaro Siza já contava com mais de vinte anos de experiência. Enquanto arquitecto, contava já com vários projectos de habitação plurifamiliar.

No entanto, o «Caderno 1 3/77 Évora/Bouça» vem dar início a uma ideia de arquivo que não existia até então no seu atelier, pelo menos não de uma forma tão clara, como resposta à necessidade de manter a ordem da informação, com a crescente complexidade do projecto.



²² SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998, pp. 113-114.

²³ Segundo a descrição feita por Abílio Fernandes, em entrevista, ao autor (ver em anexo p.000 Volume III)

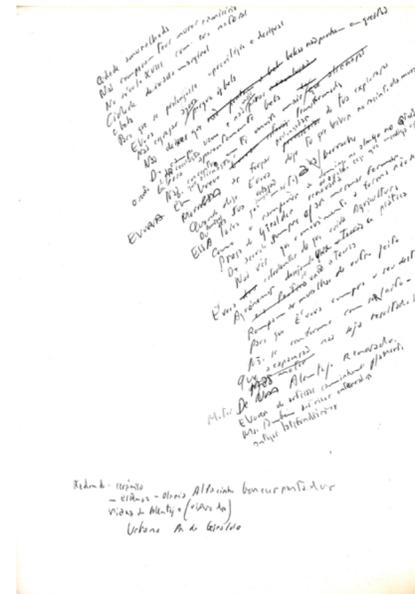
Este caderno, de tamanho A4 é o primeiro — considerando a anotação feita na capa, que responde ao título deste capítulo [012] — dos cadernos pessoais de Siza «diários de bordo» do seu trajecto como arquitecto, que inclui desenhos e descrições, não só sobre os seus projectos — marcando o fio condutor do seu método de trabalho que insiste no desenho sobre o desenho — como sobre a sua vida pessoal.

Este primeiro caderno é inaugurado com a visita a Évora [013]. Contém esboços de espaços do centro histórico eborense [014], esboços feitos durante a viagem de avioneta sobre a cidade e a quinta da Malagueira [015], apontamentos em jeito de verso do que observava [016], uns primeiros lançamentos de esquemas do que poderia ser a distribuição das casas tipo e até mesmo desenhos sobre a ideia — aqui embrionária — sobre a conduta de infra-estruturas que depois iria estruturar todo o bairro.

Nele Siza desenhava ainda os senhores de chapéu e garrafa em punho no «Café Arcada» [018] ao mesmo tempo que estruturava a sua agenda para os dias seguintes e até elaborava um plano para os meses que aí viriam [019].

Nas suas últimas páginas, já de volta ao Porto, são evidentes alguns esboços dos blocos de habitação social da Bouça, no Porto [020 e 021], cuja primeira fase se encontrava em construção.²⁴ Noutra página pode-se ver um desenho que representa dois homens a discutir sobre o que se assemelha a uma maquete de uma fase inicial da casa António Carlos Siza (1976-1978) [022].

Passo a transcrever algumas das passagens escritas — que entendi mais relevantes — por Álvaro Siza no «Caderno 1 3/77 Évora/Bouça».²⁵



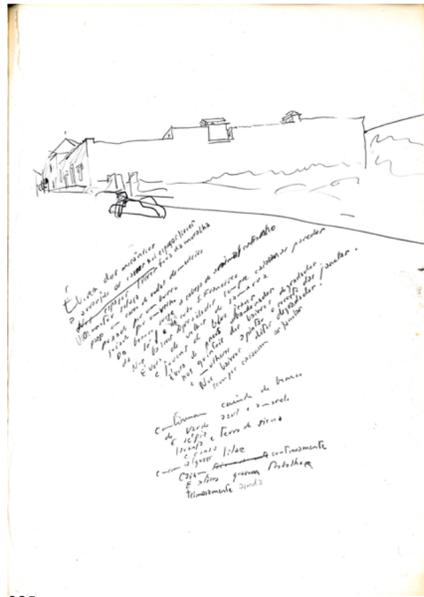
024

Cidade amuralhada
 Não romperam teus muros
 No século XVIII como era natural
 Cidade deixada marginal
 E bela
 Para que se prolongasse o privilégio desigual
 Évora
 Não esqueças agora porque és bela
 Não deixes que não ponham a bela beleza não ponham em questão
 Do campo vem e não mais para,
 O vento da revolução
 Évora aparentemente bela
 Não encontro em ti mais do que alienação
 Do que alienação
 Évora em breve Évora estarás transformada
 Morrem as farpas prolongadas da tua exploração
 Quando digo Évora digo tu que vives no recinto da muralha
 Ou dentro da sua relação

Essa loira que mastiga a borracha
 Como o camponês ao domingo no almoço no Gião
 Ou ovelha cega mendiga o pão
 Praça do Giraldo renovada
 De sacada sempre e/ou mesmas formas
 Não vês que o movimento a forma não te poisa?
 Évora dos estudantes do que estuda a agricultura
 Anónimos desejos de que te eria a pratica
 E a prática se une à teoria
 Rompam as muralhas de outro peito
 Para que Évora cumpra o seu destino
 Não se conforme com o seu leito.
 Que a expansão não seja resultado só
 Mas matar
 Matar de um Alentejo renovado
 Mas também dos ricos entenda-se
 Enfim latifundiários

²⁴ O Bairro Social em Bouça, no Porto foi executado em duas fases distintas. A primeira desenvolveu-se entre 1975 e 1978 e a segunda em co-autoria com o arquitecto António Madureira entre 2004 e 2006.

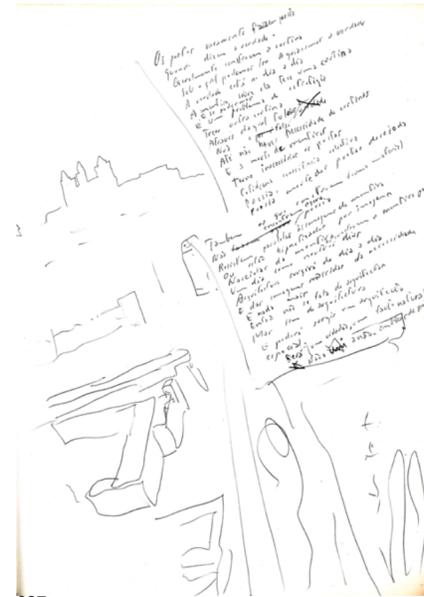
²⁵ O «CADERNO 1 3/77 ÉVORA/BOUÇA» de Álvaro Siza, encontra-se na íntegra em anexo.



025



026



027

Évora dos mecânicos

A arranjar os carros nos espaços livres

Nos espaços livres fora da muralha

Um motor soluça

Passa um carro de rodas de madeira

Puxado por um burro

Guiado por um velho

Do branco surge a cabeça de animal estranho

Da Sé e de cubo S. Francisco

Nos bairros de pura idade sempre caíam as paredes

Évora de velhos de samarra

E jovens de blue jeans

Évora de pneus abandonados

Nos quintais dos bairros degradados.

Sempre caíam as janelas.

Continua caiada de branco

De verde azul e amarelo

E sépia

Laranja e terra de siena

E cinza

E mesmo algures lilás

Caiam continuamente

E a terra queiram trabalhar teimosamente ainda

Diziam que era louco

Mas que fazer na cidade branca num minuto?

Na cidade branca com granito excepcional algum pouco

(não? não ser momento de sutura

A não ser no topo na colina

A não ser na Acrópole de alguns

Que diziam que era louca loira

Passeava nos cafés depois do almoço

Borracha na boca e riso alegre

Nos olhos desespero

Por trás de uma madeixa solta.

Os poetas raramente fazem poesia

Quando dizem saudade.

Geralmente constroem a cortina

Sob a qual podemos ler se quisermos a verdade

A verdade está no dia a dia

A mentira sobre ela teve uma cortina

E se podermos

É um problema de estratégia

Tecer outra cortina

Através da qual tu leias a verdade

Não o por é falso

Até não haver necessidade de cortinas

E a morte de mentiras

Torne inessários os poetas

Colidindo consciência colectiva

Poesia.

Poesia morte dos poetas desejada

Também os que constroem forma material

Não fazem agora encontram agora poesia

Resistem paralelos às imagens de mentira

Ou estão hipnotizados por imagens

Nascidas da mentira ou constroem a mentira pagando

Um dia como noutros dias

Arquitectura surgirá do dia a dia

E dar imagens nascidas da necessidade

E nada mais

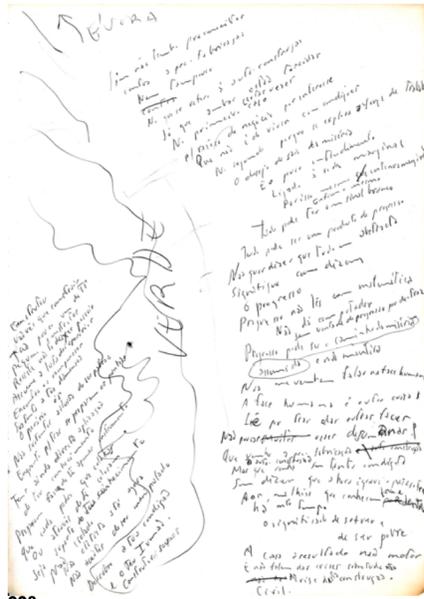
Então não se fala de arquitectura

Mas sim de arquitectura

E poderá surgir um Arquitecto

Especial.

Será um cidadão, um facto natural.



028

Évora

Sim não tenho preconceitos

Contra pré-fabricados

Nem tampouco

Contra

No que se refere à auto-construção

Só que ambas estão torcidas certas vezes

No primeiro caso

Por razões de negócio por interesse

Que não é de viver com condições

Na segunda porque se explora a parte de trabalho

O desejo de sair da miséria

E o livre entendimento

Ligado à vida maquinal

Por isso mesmo que continua marginal

Enfim o mesmo

Tudo perde ser um sinal branco

Tudo pede ser um produto do progresso

Não quer dizer que tudo abstracta

Signifique como dizem

O progresso

Progresso não lê como matemática

Não dá computador

Sem vontade de progresso por de traz

Progresso pode ser o caminho da miséria assumida

E não mentira

Não me venham falar na face humana

A face humana é outra coisa.

Lê por traz das outras faces

Não poucas muitas vezes desumanas.

Que venha o pré-fabricado

A autoconstrução

Mas que venha sem tanta ambição

Sem dizer que a hora é grave

Aos milhões que conhece por fora e dentro

Há muito tempo

[..]

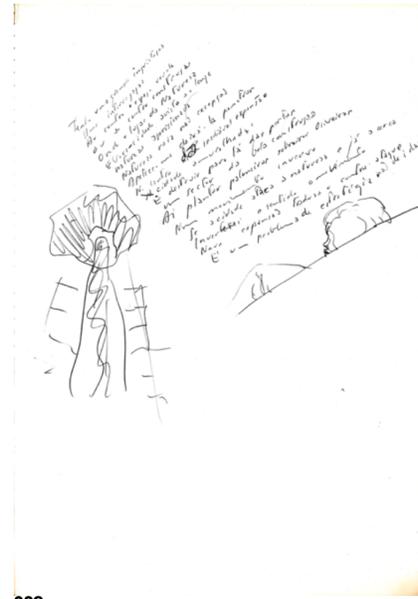
A cara é resultado não motor

E não falem das crises sobretudo não

Não da da crise da construção.

Civil.

[..]



029

Tenho uma grande inquietação

Uma interrogação

Ao centro o vazio

Ou ao centro construído

Onde a fusão da natureza

Évora-cidade avista ao longe

Naturezas aprisionadas

Natureza raiz não excepção

Cidade amuralhada

E destruir para lá das portas

Um sector da bela construção

Ai plantar palmeiras relvar oliveiras

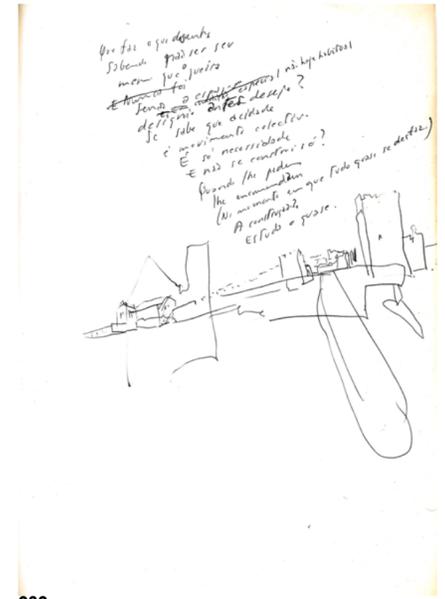
Num movimento inverso

Se a cidade abraça a natureza e já a cerca

Inverterei o sentido o movimento

Nova expansão traduza o contra-ataque

É um problema de estratégia não de idade



030

Que faz o que desenha

Sabendo não ser seu

Nem que o queira

E nunca foi

Sendo o espaço,

Em condição especial não hoje habitual

Designa antes desejo?

Se sabe que a cidade

É movimento colectivo.

É só necessidade

E não se constrói só?

Quando lhe pedem

Lhe encomendam

(no momento em que tudo quase se desfaz)

A construção?

Estuda o quase.



03. DA ENCOMENDA AO ANTEPLANO

03.2 A ESTRATÉGIA

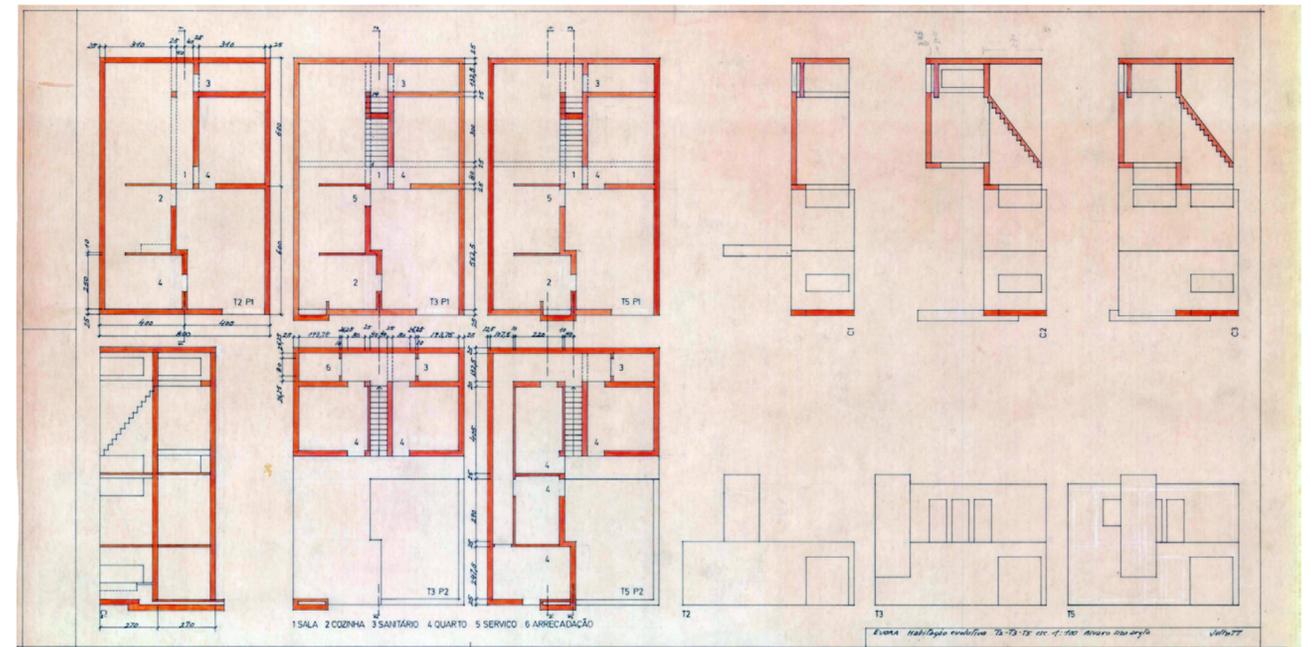
Apesar de Álvaro Siza já ter passado, por esta altura, pelas experiências dos projectos de habitação social do Bairro de São Victor (SAAL) e da Bouça, entre outros — loteamento Bárbara de Lousa, Ovar, Conjunto Habitacional de Vila do Conde. A verdade é que este novo projecto que lhe tinha sido adjudicado compreendia uma nova escala, tanto a nível de quantidade, como uma nova urgência no tempo de construção (que no seu início não se previa tão longo).

Tendo em conta as linhas orientadoras e aceites os aspectos fundamentais do plano de expansão, Álvaro Siza «partiu da ideia apontada na primeira visita, porque considera que não se projecta somando bocados de informação» e que «a ideia está no «sítio», mais do que na cabeça de cada um».²⁶

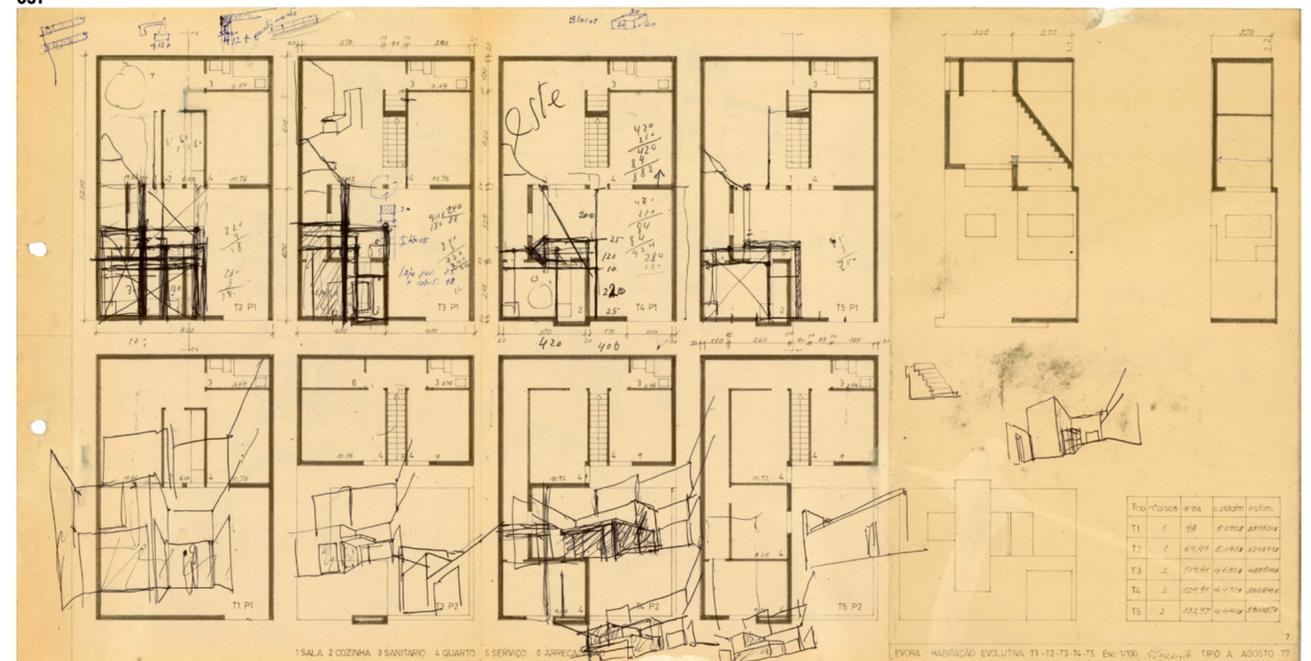
As primeiras casas que desenhou eram em T2, T3 e T5. A primeira tipologia continha um único piso, enquanto as outras duas, dois pisos — apresentando já bastantes semelhanças com aquela que viria a ser denominada tipologia A (com o pátio à frente) [000]. Esta primeira versão datada de Julho de 1977,²⁷ foi rapidamente corroborada, visto que numa assembleia com alguns habitantes e membros camarários se entendeu «que construir só casas de pátio, num sector da cidade, era desumano e inaceitável».²⁸ Receava-se que uma tipologia única tornasse o bairro monótono e «frio», acrescentando-se vários pedidos de populares da colocação do pátio na zona traseira da casa. Em princípio, esta opção tornaria a frente mais impositiva em relação à via pública, mas Álvaro Siza acabou por conseguir dissolver o impacto na volumetria, deixando apenas a versão com cinco quartos da tipologia B — com pátio traseiro — com o alçado a ocupar a totalidade da área disponível.

Estas duas tipologias base encerravam-se num rectângulo de 8 por 12 metros, encostadas lado a lado e topavam numa «parede-eixo» comum por onde circulavam todas as infra-estruturas [037].

Tanto uma tipologia como a outra, na versão incluída no Plano de Pormenor entregue em Agosto de 1977 [032-034], evoluíram para módulos T1, T2, T3, T4 e T5, sendo que para am-



031

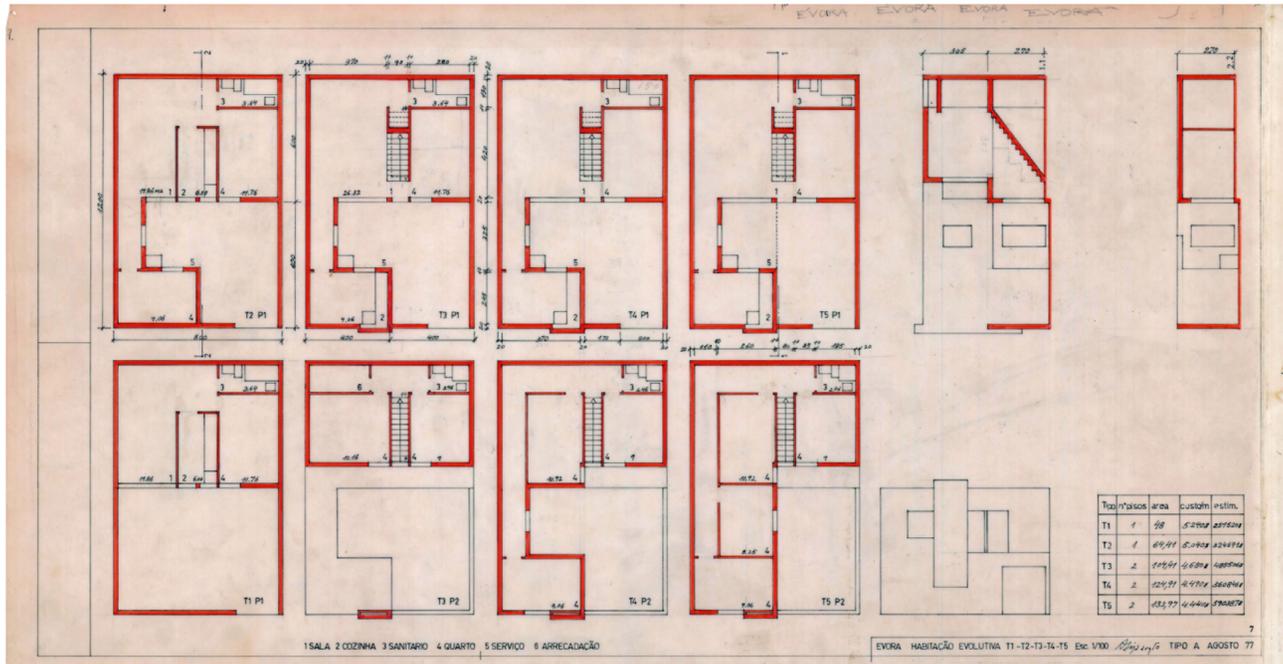


032

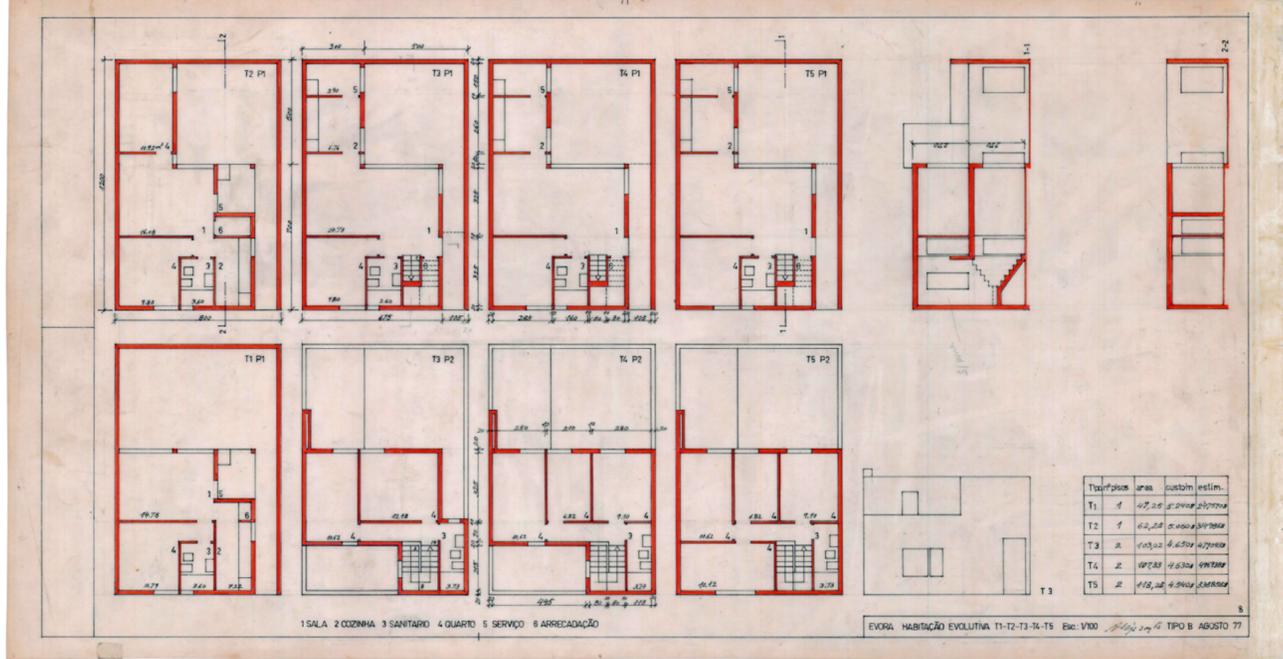
²⁶ SIZA, Álvaro, «Notas sobre o trabalho em Évora», in *Arquitectura*, nº 132, Lisboa: Março de 1979, p. 36.

²⁷ Segundo a legendagem dos desenhos [031].

²⁸ SIZA, Álvaro, *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70, 1998, p. 117.



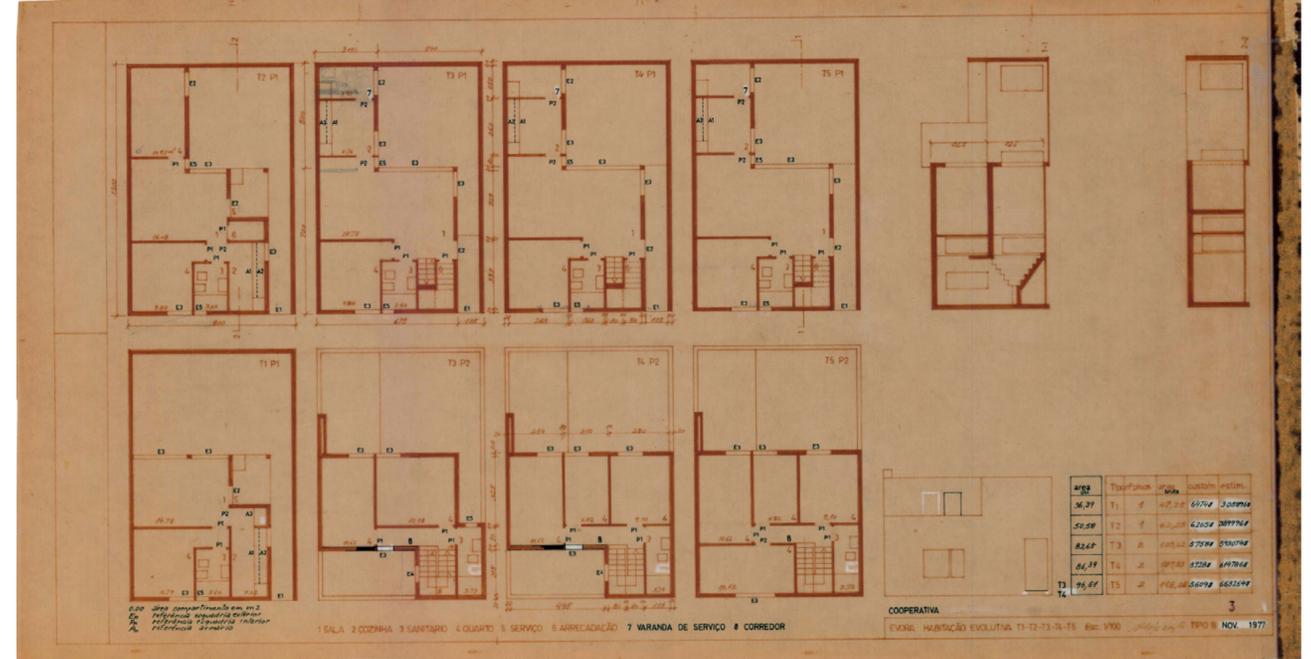
033



034



035



036

página 044

página 045

bas tipologias — com pátio à frente e pátio a trás —, os módulos T1 e T2, tinham piso único e as restantes, dois pisos. Na versão aprovada em Novembro seguinte²⁹ o módulo T1 foi suprimido em ambas tipologias.

Em Janeiro³⁰, Maio³¹ e Julho de 1978³², antes do início da construção, as tipologias base ainda sofreram algumas alterações.

A maior diferença da versão que tinha sido aprovada em Novembro anterior para esta última, prende-se com os módulos T2 de ambas tipologias se encontrarem já preparados para possíveis futuras ampliações, ganhando um segundo piso — através de um vão de escadas que daria acesso ao terraço.

Assume-se que o principal objectivo destas tipologias seria que os futuros inquilinos pudessem aumentar a casa, à medida das suas necessidades e à medida que a sua qualidade de vida ou família fosse aumentando.

Tanto a cobertura plana como a tipologia da casa em torno de um pátio não foram bem aceites, dado terem sido consideradas pelos populares como meros tíques modernos³³.

A cobertura em terraço teve como principal razão de ser a escassez de telhas na zona, assim como a escassez de mão de obra especializada. Esta carência terá mesmo levado a CME a financiar uma pequena fábrica de blocos de cimento para a execução das primeiras casas (o que até levou à necessidade da CME, ter de financiar uma pequena fábrica de blocos de cimento para a execução das primeiras casas).

Já o pátio, encontra a sua explicação na necessidade de oferecer uma boa ventilação natural a todos os espaços da casa assim como na de «criar um microclima de transição entre as condições climáticas do exterior e interior, que não podia ser suficientemente protegido pelos materiais utilizados».³⁴

O tecido urbano revela-se homogéneo e simples, assentando suavemente sobre a topografia, como se de um manto se tratasse — originando torções entre os núcleos habitacionais localizados na meta-

²⁹ Segundo a legendagem dos desenhos [035-036].

³⁰ Segundo a legendagem dos desenhos [045].

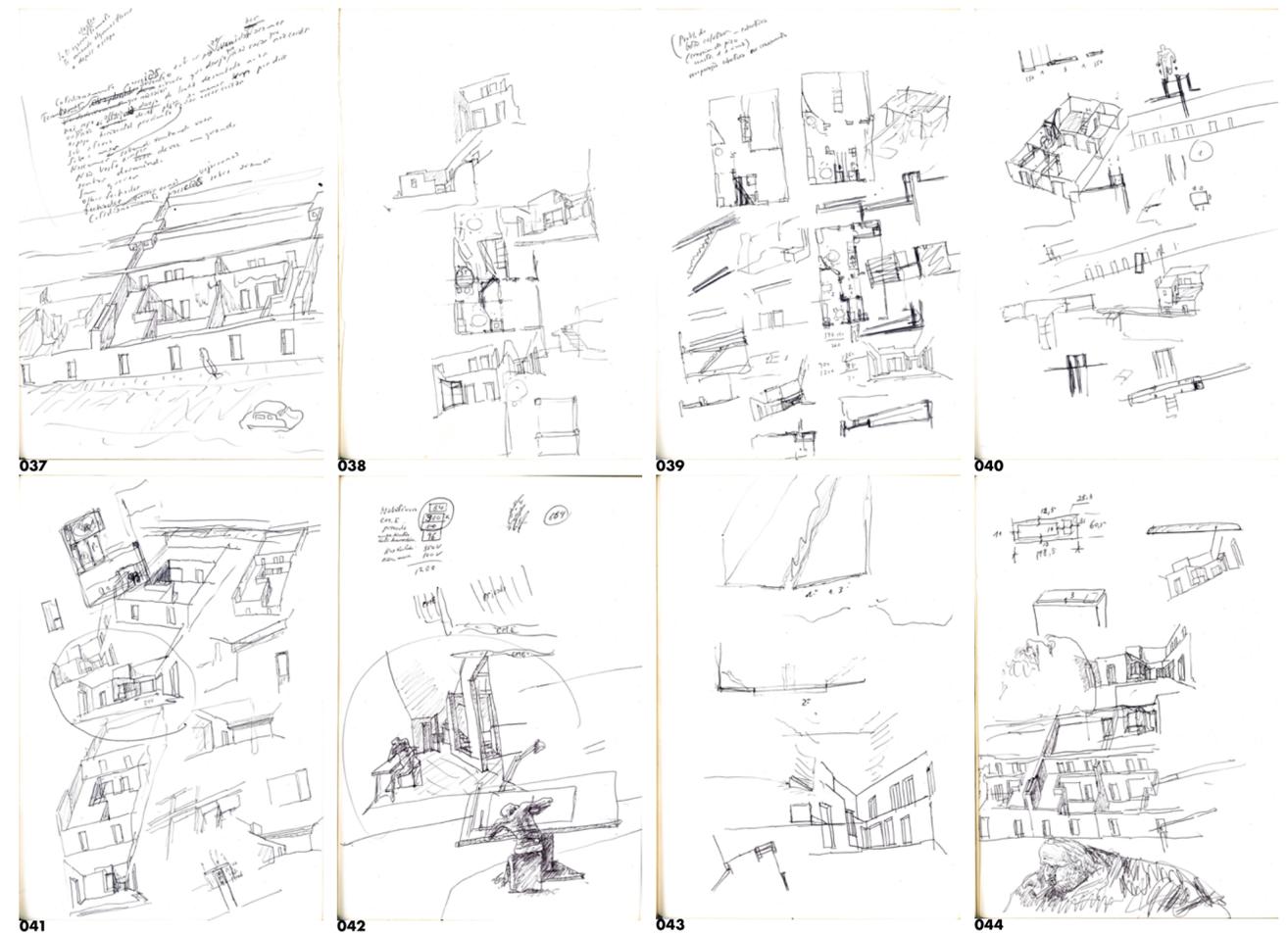
³¹ Segundo a legendagem dos desenhos [046].

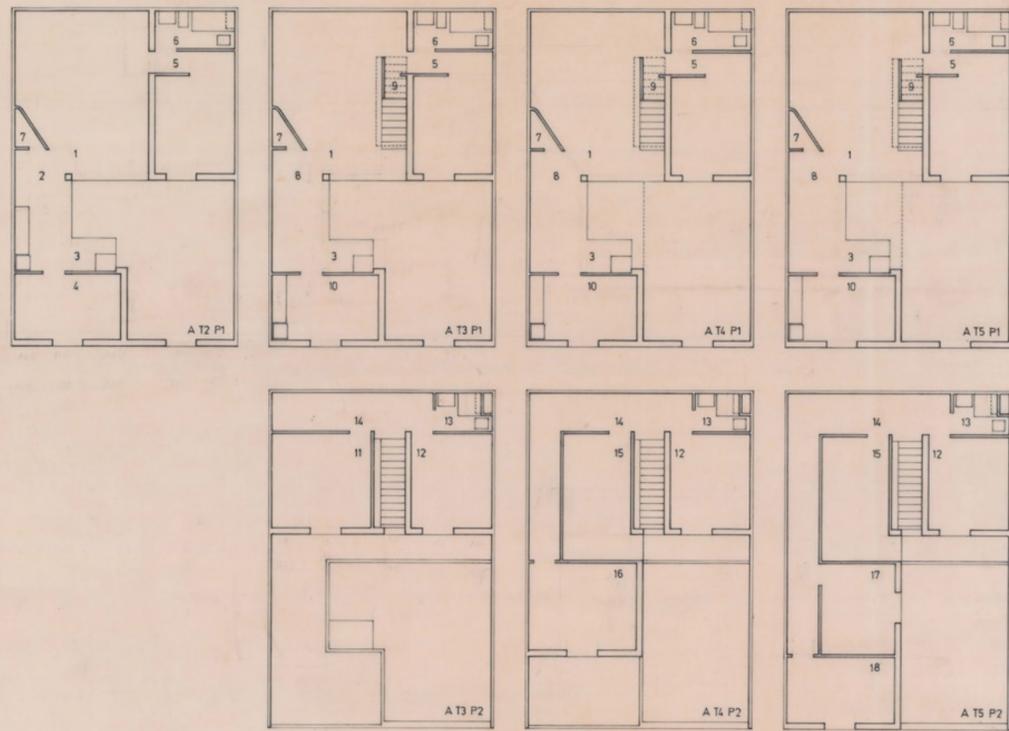
³² Segundo a legendagem dos desenhos [047].

³³ «[...] é necessário notar que as primeiras cem habitações se destinavam a pessoas que vinham do campo e que, portanto, conservavam ainda, no espírito, os modelos rurais. Por isso, a elaboração da casa pátio é algo muito mais complexo e articulado do que a dicotomia entre modelo vernacular e Movimento Moderno, referências sempre presentes, mas entre muitas outras.»

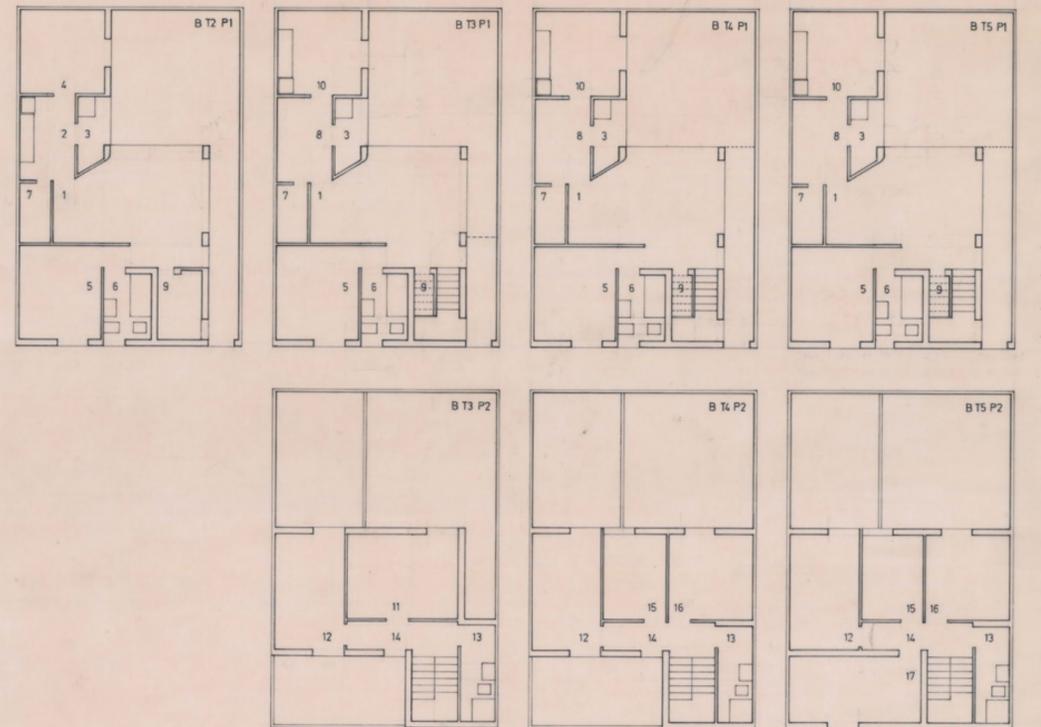
in **SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência.** Lisboa: Edições 70, 1998, p. 127.

³⁴ **SIZA, Álvaro, Imaginar a evidência.** Lisboa: Edições 70, 1998, p. 127.

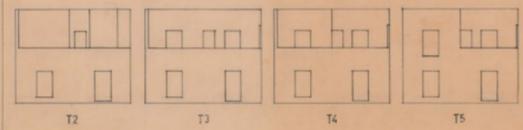
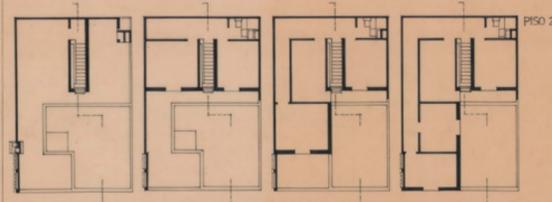
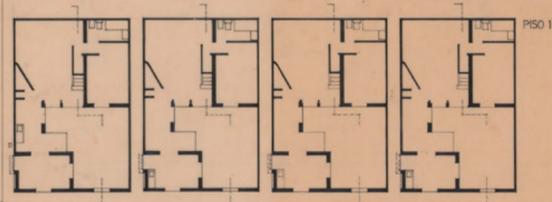
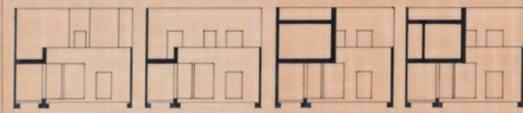




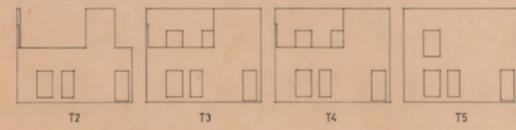
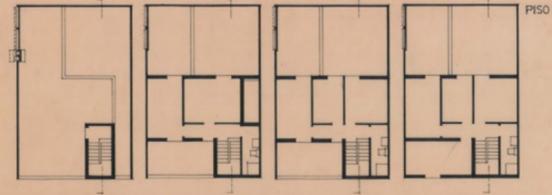
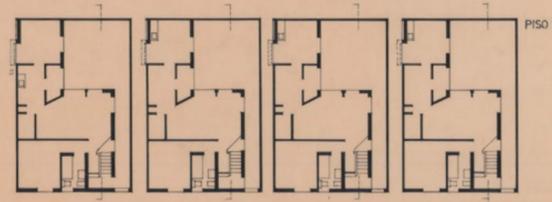
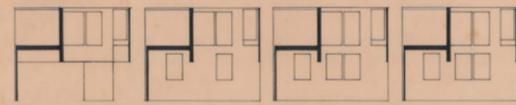
1-SALA 2,10-COZINHA 3-LAVANDARIA 7-DISPENSA 8-SERVIÇOS 9-ARRECADACÃO 4,5,11,12,15,16,17,18-QUARTO 6,13-SANITARIO 14-GALERIA



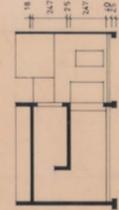
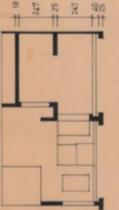
EVORA HABITACAO EVOLUTIVA TIPOS A e B Esc.: 1/100 *Alvaro Siza* JAN. 78



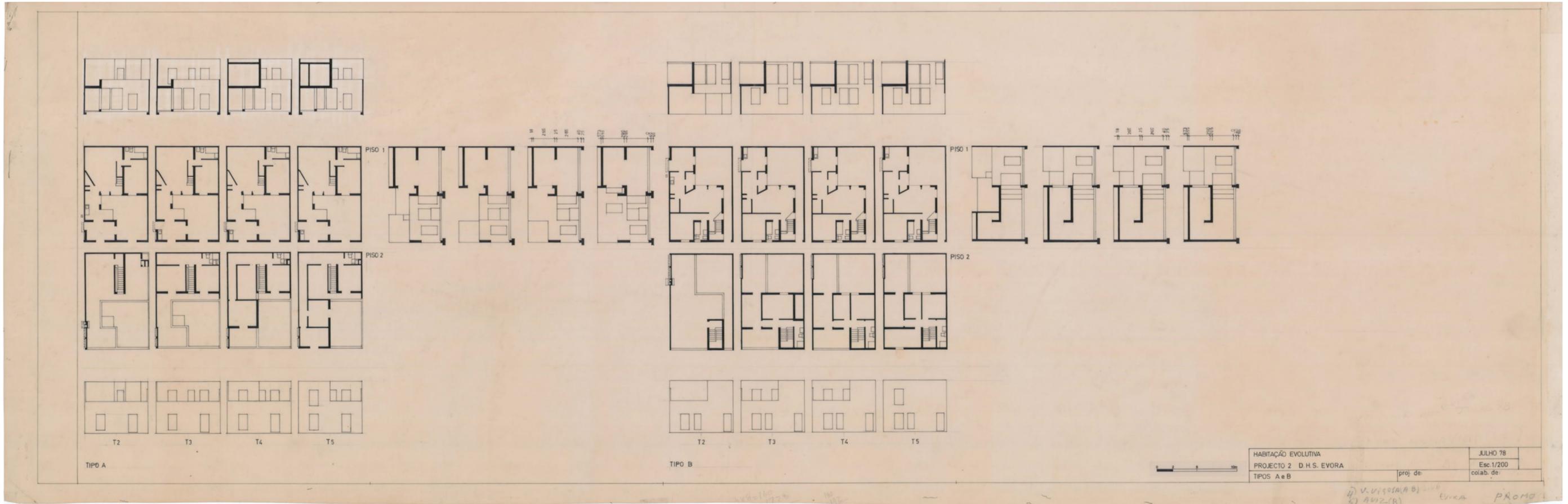
TIPO A



TIPO B



HABITAÇÃO EVOLUTIVA		MAIO 78
PROJECTO 1 A. M. S. SEBASTIÃO EVORA		Esc. 1/200
TIPOS A e B	proj. de:	colab. de:



de norte do bairro. Os quarteirões a sul, por sua vez, encontram a sua origem na irregularidade do bairro de Santa Maria, tornando este bairro clandestino, sem qualquer planeamento, surpreendentemente coeso.

O «esqueleto» do bairro é a conduta.

A ideia da conduta terá surgido depois do desenho dos quarteirões. Esta estrutura, por onde correm as redes de águas, electricidade, telefones, gás e televisão, elevada à cota das casas, não surge em resposta às críticas sobre a monotonia do plano, mas sim da necessidade que Álvaro Siza sentiu em conferir uma diferenciação de escalas³⁵.

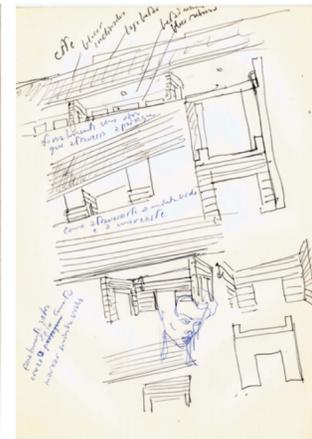
Esta estrutura divide-se em duas partes. A primeira bastante marcada e centralizante, acompanha todo o eixo este-oeste, fazendo a distribuição das infra-estruturas para todo o bairro, e atravessando o terreno de forma contínua — enquadrando os espaços verdes, bem como os lotes deixados em suspenso para possíveis futuras intervenções, mas, principalmente, marcando uma diferença de escala em relação às habitações. A segunda surge entre os módulos habitacionais, pelos quais passam condutas secundárias, que ligam a «conduta mãe» às habitações.

Apesar desta conduta não ter sido directamente influenciada pelo Aqueduto da Água de Prata³⁶, parece evidente a comparação. Trata-se de uma infraestrutura histórica, aqui transposto para a realidade do século XX — conduzindo, assim, todas as infra-estruturas (com a excepção da rede de esgotos).

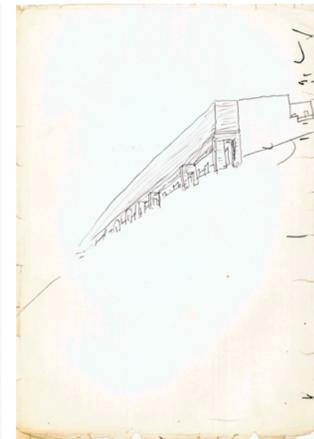
É certo que este elemento, vem aumentar os custos do projecto, mas também é verdade que — a médio-longo prazo — os custos de manutenção viriam a compensar o investimento, dada a facilidade de acesso às infra-estruturas e a necessidade de fechar ou ocupar vias de trânsito ou passeios.³⁷



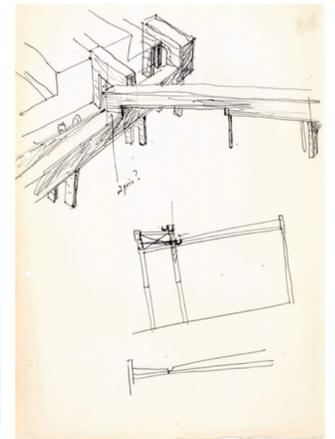
048



049



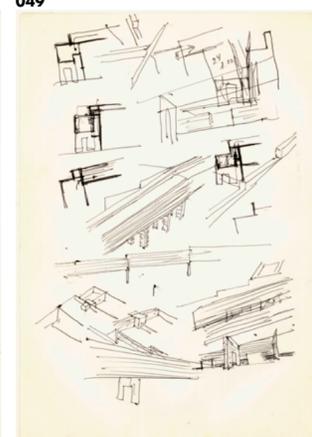
050



051



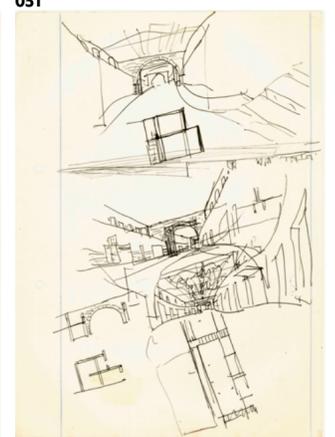
052



053



054

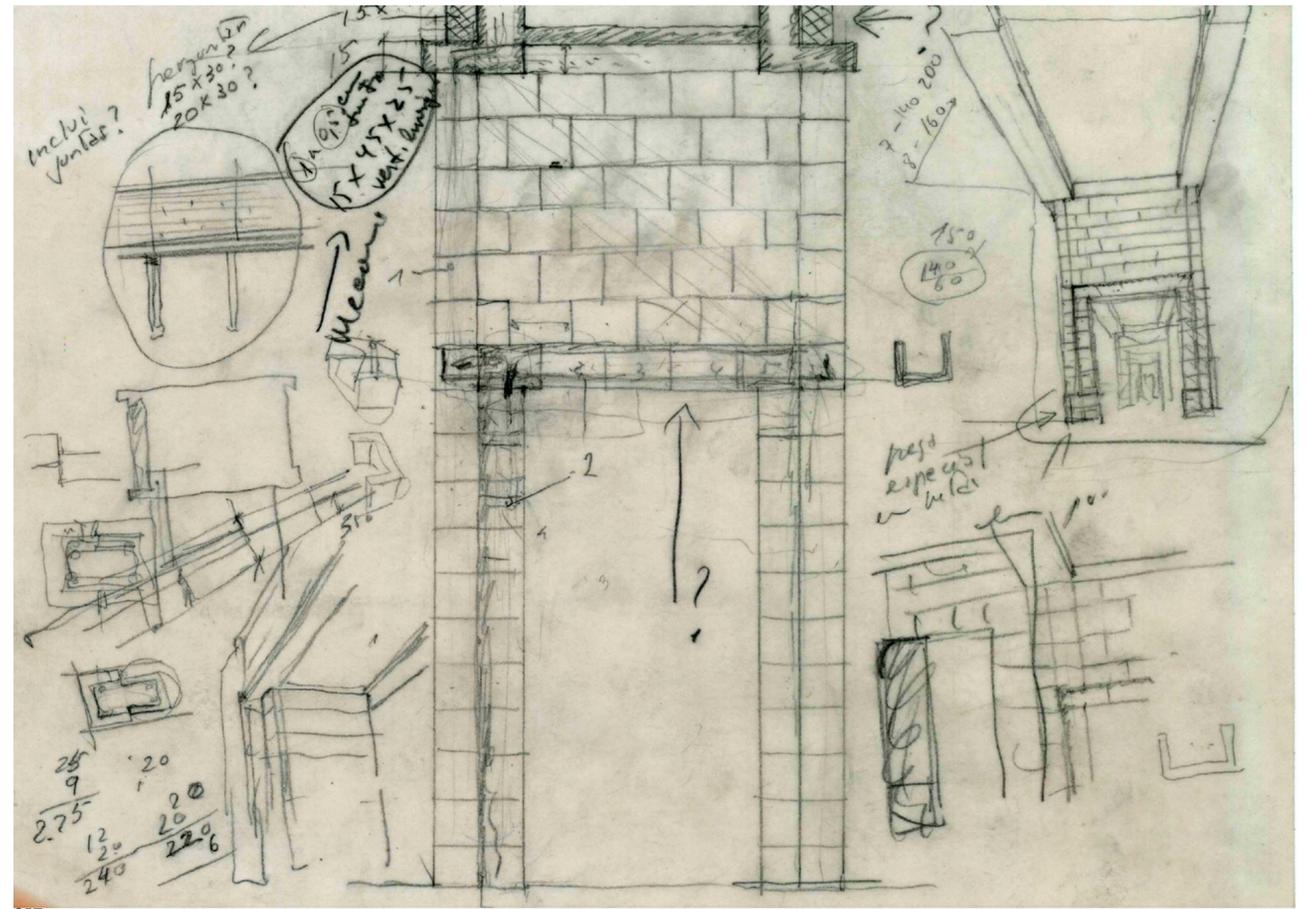
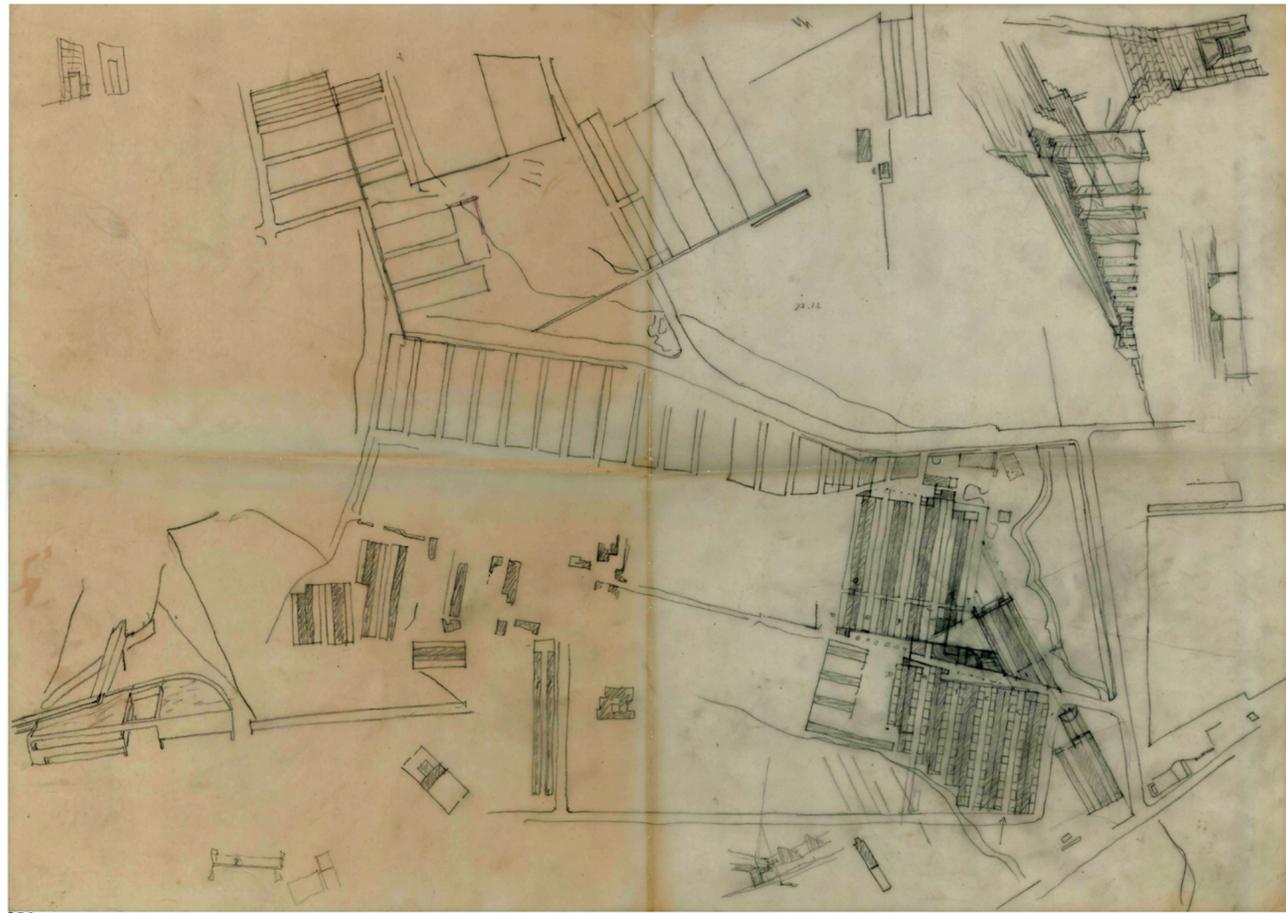


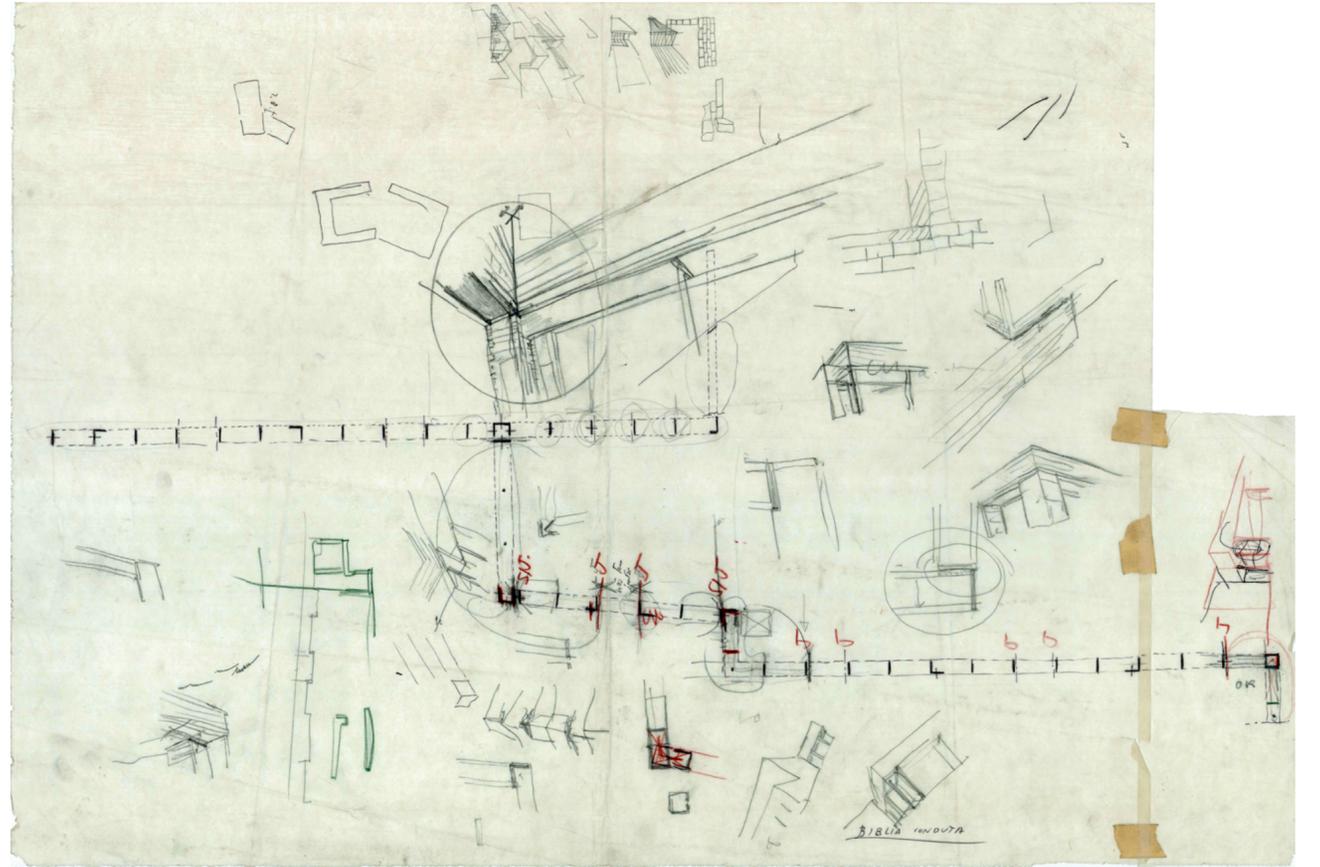
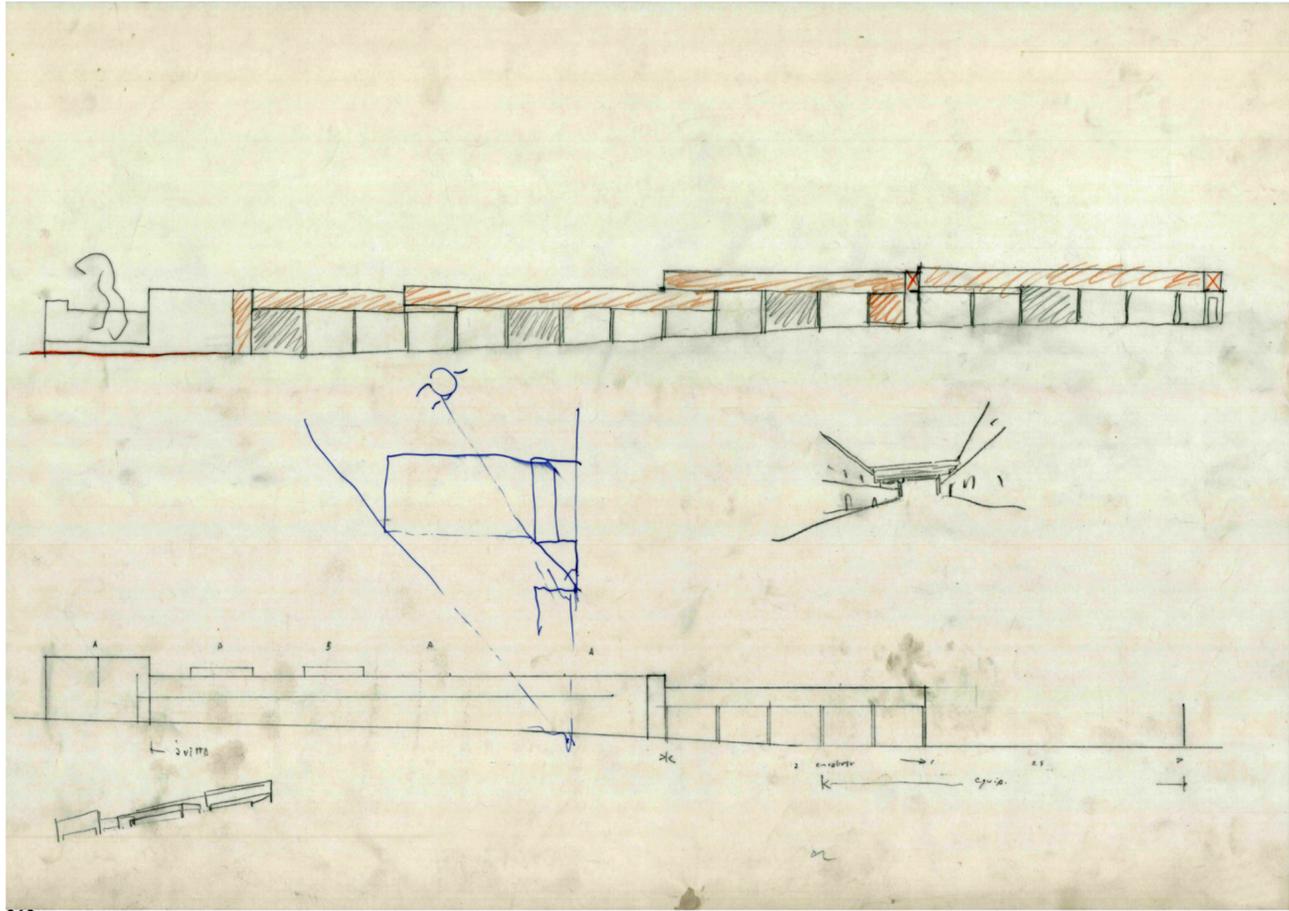
055

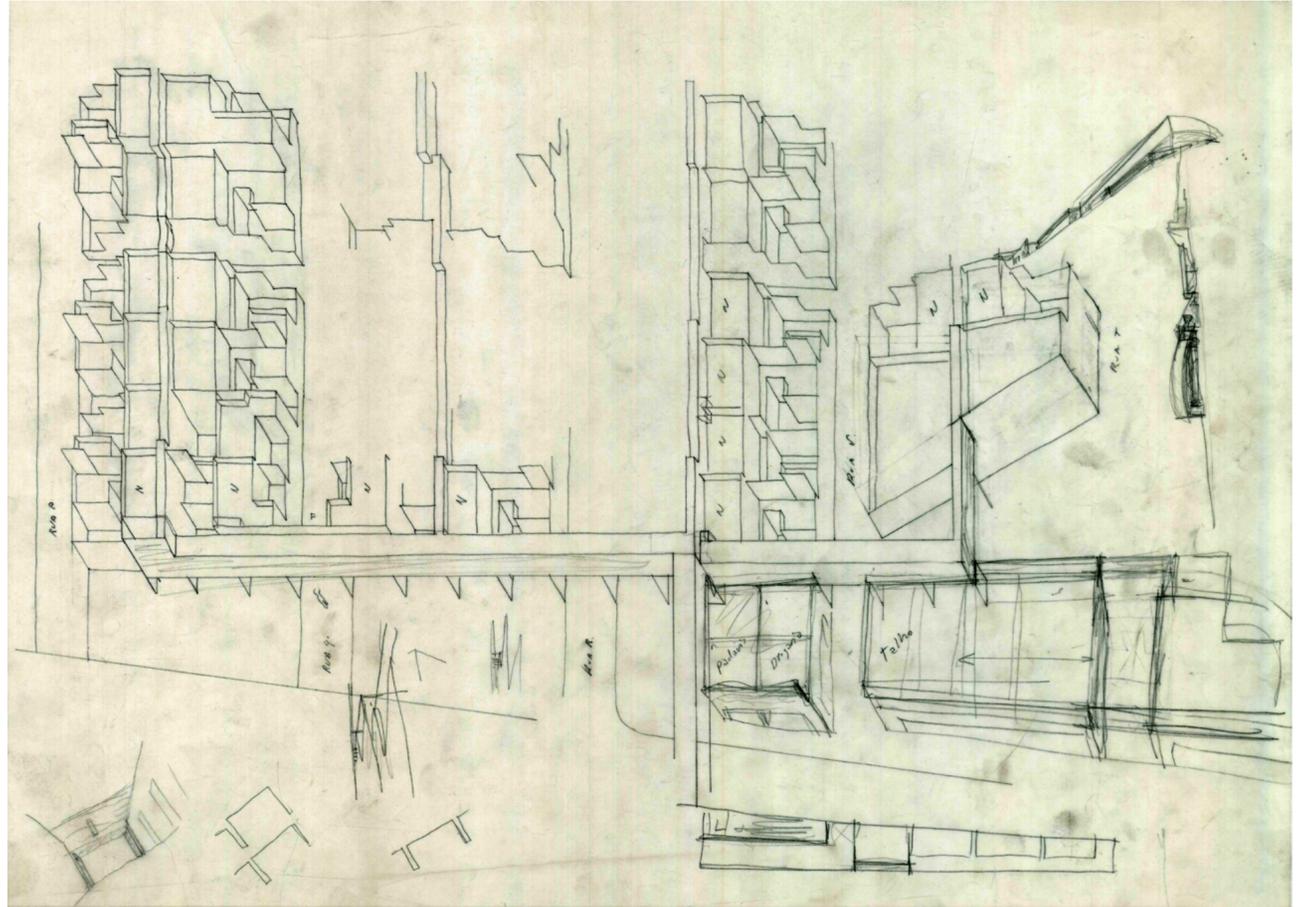
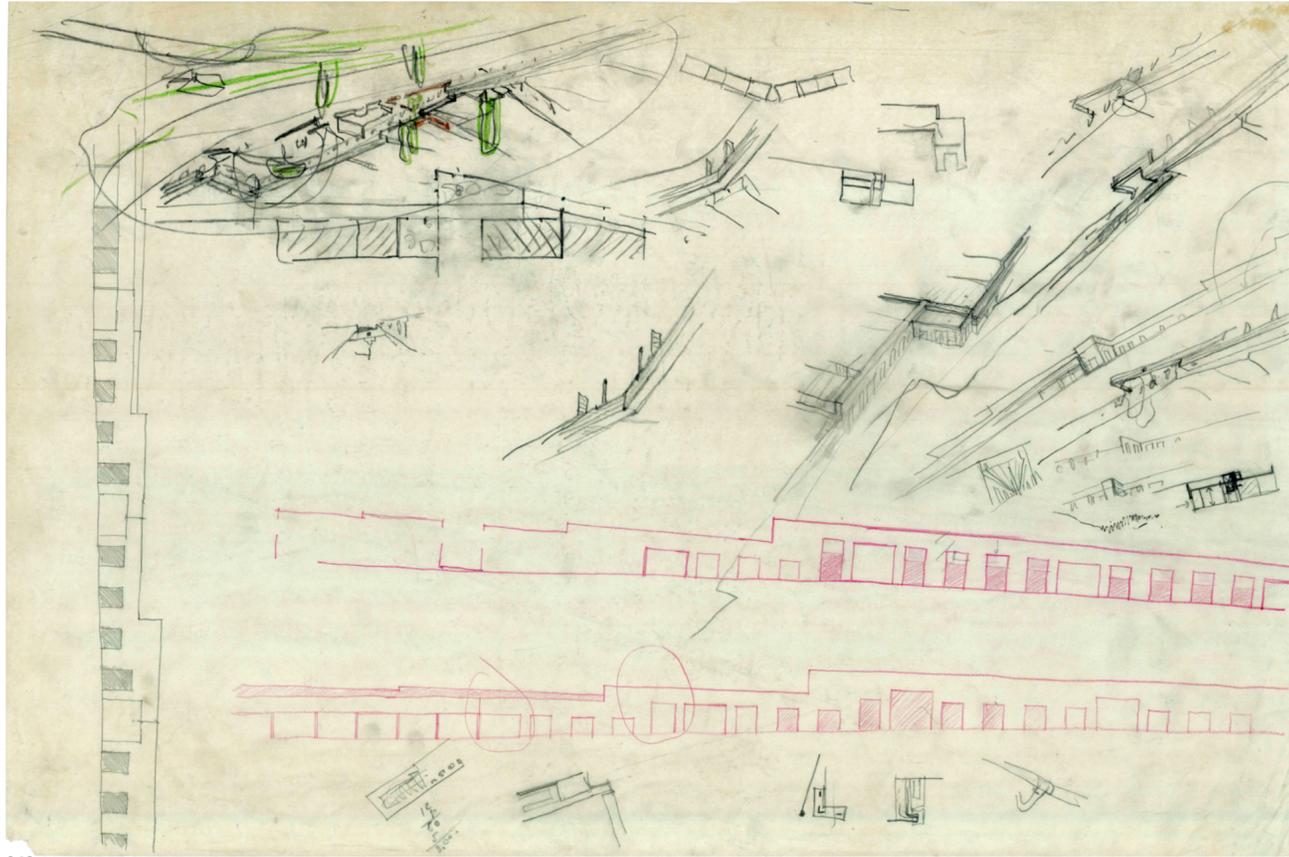
³⁵ SIZA, Álvaro, *Textos 01 – Álvaro Siza*. (s.l.): Livraria Civilização Editora, 2009, p. 233.

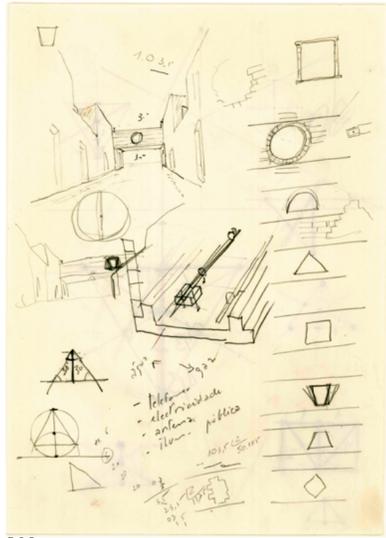
³⁶ «Opinou alguém que a razão principal desta estrutura seria o aqueduto de Évora, que na realidade me impressionou muito e por isso poderá ter representado uma primeira sugestão. Na realidade, visto que os financiamentos de que dispunha só previam a construção fogos, sentia a limitação dada pela presença de uma escala única.» in SIZA, Álvaro, *Textos 01 – Álvaro Siza*. (s.l.): Livraria Civilização Editora, 2009, p. 233.

³⁷ Esta conduta não só é uma referência ao Aqueduto da Água de Prata, como é também um espelho da cidade. Quando andamos pelo centro histórico, deparamo-nos com os arcadas que ligam o Praça do Giraldo aos largos consequentes — Largo de Camões, a nordeste, e Largo de São Vicente, a sudoeste — que protegem do sol espaços comerciais e serviços espalhados por todo o seu comprimento. Estas características são igualmente transportadas para a conduta do bairro da Malagueira.

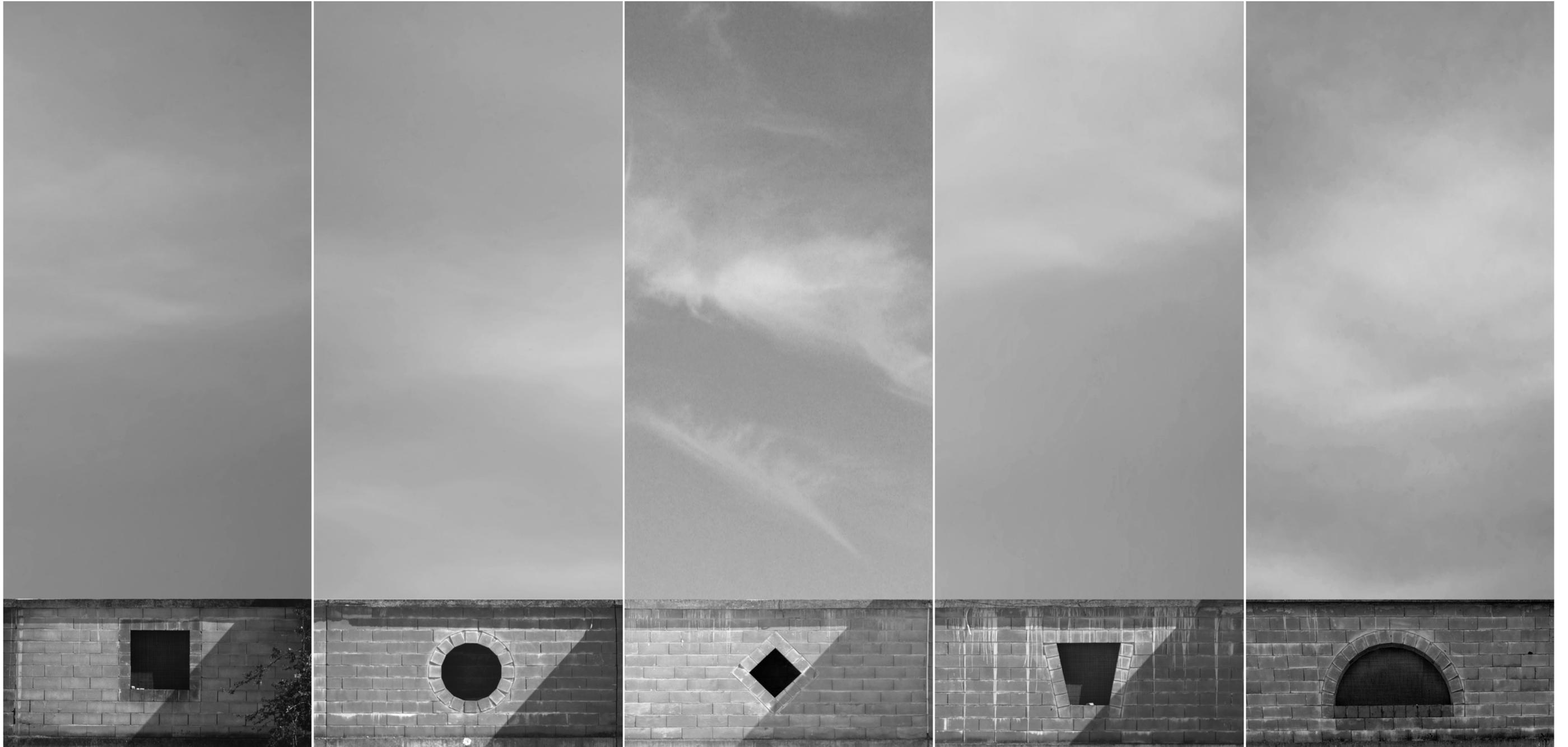








064



065

O aqueduto da Malagueira é colocado no extremo norte do quarteirão central, topando as condutas secundárias. Os módulos dos quarteirões que tocavam nesta parte do aqueduto, ao invés de serem ocupados por habitações, davam lugar a espaços para uso comercial ou serviços. Na Praça Zeca Afonso — para onde foi projectada a Semicúpula — um destes lotes acabou por ser destinado à junta de freguesia da Malagueira.

Enquanto por todo o bairro a conduta se mostra «nua», materializada pelos blocos de cimento e lajes de betão à vista, aqui, o aqueduto agarra-se às casas, é rebocado e pintado de branco com o intuito de enquadrar a Semicúpula — tal como acontece no Aqueduto da Água de Prata quando este rompe a muralha e entra pela cidade acompanhando a Rua do Cano [066], assumindo o papel de parede exterior, sendo pintado de branco, e servindo de fundo ao Largo das Alcáçovas.

Esta praça coberta que simbolizaria o centro cívico do bairro, implantar-se-ia num local onde Álvaro Siza, aquando da sua primeira visita ao terreno, encontrou um tanque e um sobreiro. Com o desenvolvimento das obras, estes elementos tiveram de ser removidos. Todavia, é suposto quando a Semicúpula for finalmente construída, estes dois elementos — o tanque e o sobreiro — voltem às suas origens.





b) *Definição do tecido urbano e volumetria com base nas características dos bairros de S^ª. Maria e N. S^ª. Da Glória.*

O estudo apresentado decorre da análise e confrontação de uma resposta aparentemente espontânea, mas na realidade resultado de tendências de transformação, e de uma adaptação secular ao meio, presente na cidade intra-muros. Desenvolver-se-á através de um debate contínuo com as populações a alojar, incluindo numa mesma operação zonas a construir e zonas a recuperar.

c) *Continuidade cidade antiga – expansão estruturada a partir do eixo este-oeste e sua articulação com os espaços verdes a preservar e a criar, sensivelmente os mesmos definidos no Plano de Expansão, o qual inclui de resto uma cuidada análise de adaptação de solos.*

Propõe-se agora a conservação integral das Quintas da Malagueirinha e do Sarrabulho e das respectivas construções, recuperáveis para equipamentos da zona.

A relação entre a cidade antiga e a sua expansão constitui o problema fundamental e também o mais delicado do Plano. A proposta assenta num controlado contraste entre as duas: zona de expansão de baixa altura, adaptando-se à topografia de suaves pendentes e estendendo-se dense e contínua, até à muralha e à colina da cidade, perfil de Évora preservado. A convergência da estrada Évora-Montemor e do eixo este-oeste do sector sobre a entrada de Alconchel será visualmente reforçada pela arborização a prever, devendo o arranjo da Praça de Alconchel ser concluído, como elemento urbano de transição, adequadamente relacionado com aqueles percursos e com a porta da cidade e o Largo das Alterações de Évora.⁴¹

⁴¹ Este arranjo da Praça de Alconchel, também faz parte do Malagueiro que nunca o foi.



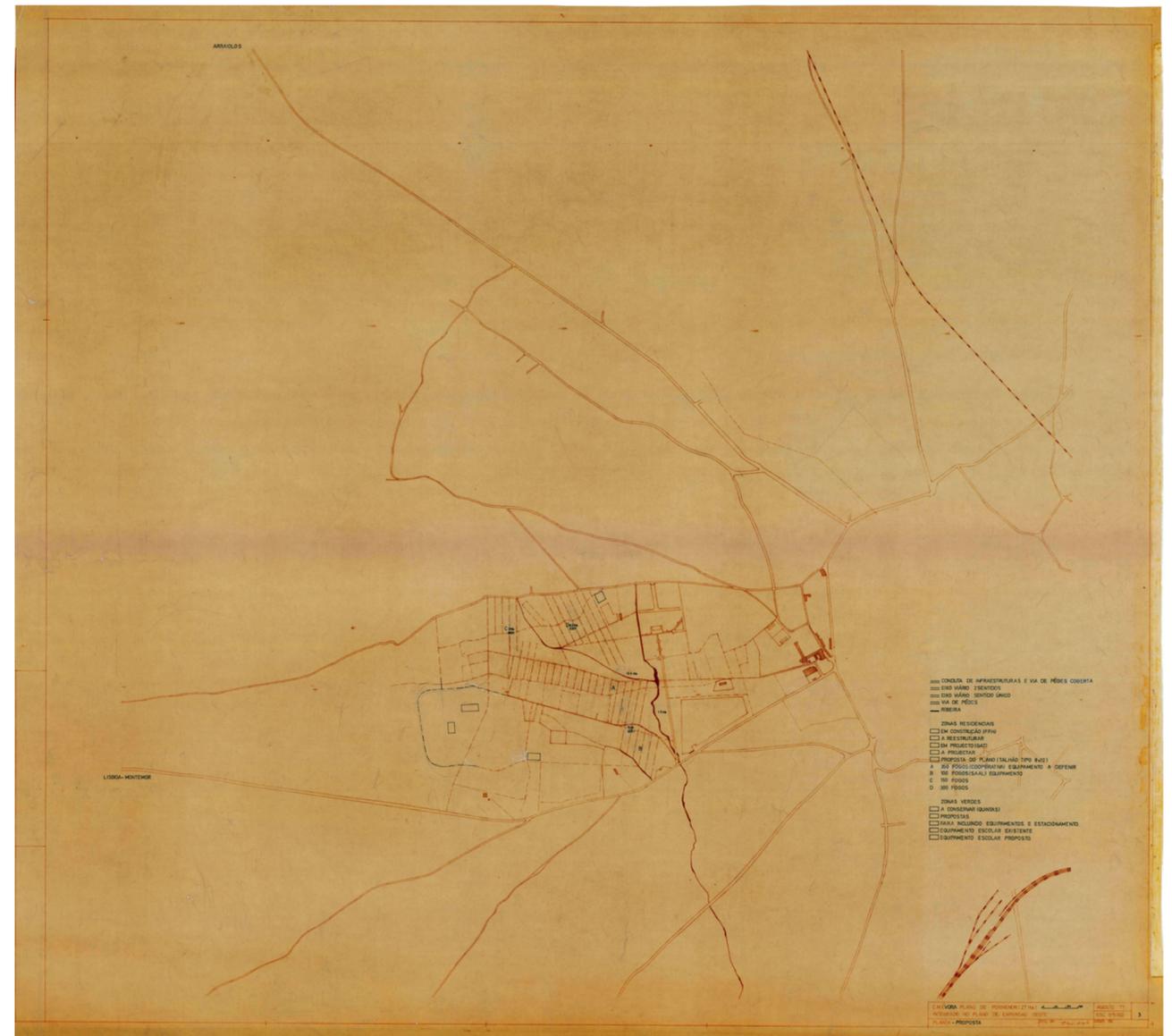
d) *Tipologias arquitectónicas propostas para a 1.ª fase (sectores designados no desenho 3 por A e B) reduzidas a duas hipóteses, aplicáveis a talhões de uma só frente e de 8 m de largura por 12 de profundidade: habitação à face do arruamento e pátio nas traseiras ou habitação em L com pátio confinado com a rua. Em qualquer dos casos, o número de pisos está limitado a dois, variando de acordo com os programas (T1 a T5). Outros programas habitacionais ou de equipamentos poderão ser incluídos por junção de talhões. A malha de associação de talhões é repetida ao longo do terreno. A variação de ambiente é obtida pela adaptação à topografia (variação de perfil) pela distribuição irregular dos programas habitacionais, pelos espaços resultantes do atravessamento de vias irregulares, pela inclusão de equipamentos, pelo contraste entre zonas verdes e construídas e pelo encontro entre as duas.*

Considera-se que complexidade e variedade não dependem da variação de tipos de habitação, mas sim da sua articulação com espaços livres e com outros programas. Disso é exemplo a cidade de Évora.

e) *Menor segregação de trânsito, em relação ao Plano de Expansão, propondo-se uma hierarquização de vias menos rígidas. Também aqui se entrou numa em linha de conta com comportamentos e interesses pré-existentes no sector (caso da via comercial do bairro de Sta. Maria) e com o exemplo da cidade histórica.*

Algumas medidas complementares permitem prever um eficiente funcionamento do sistema:

- *colocação de estacionamento coberto e parques na periferia dos conjuntos habitacionais.*
- *colocação de peões ao longo do eixo este-oeste, permitindo um percurso rápido e abrigado do sol e da chuva, a prolongar praticamente até ao início da rua dos Salesianos, por arborização desta rua.*



A existência de vias paralelas no sentido este-oeste permite distribuir e diluir o trânsito de veículos em geral e particularmente de transportes colectivos, organizando-o eventualmente em sentido único. O esquema agora apresentado serve como base para um estudo de pormenor e com a participação necessária, permitindo a estrutura viária várias hipóteses, experiências e alterações de funcionamento.

Mantêm-se com ligeira alterações os aspectos fundamentais de relações com as vias envolvidas adoptados no Plano de Expansão:

- um só acesso de veículos a partir da estrada Nacional Évora Montemor.
- um só acesso de veículos a partir da Estrada das piscinas, em lugar dos três propostos no Plano.

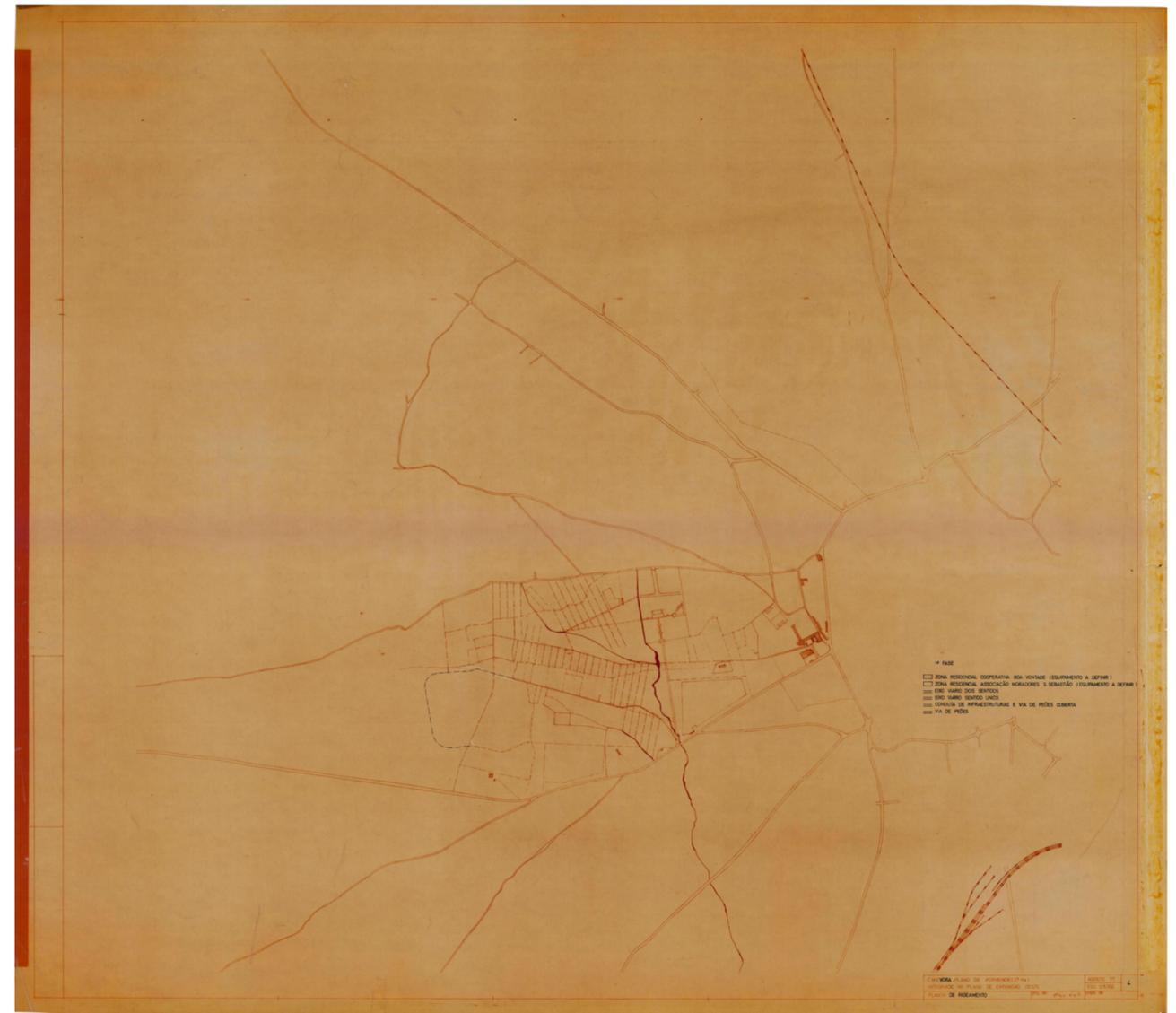
Apresenta-se, além disso, uma sugestão de ligação à estrada Lisboa-Montemor de via que limita o sector, a oeste.

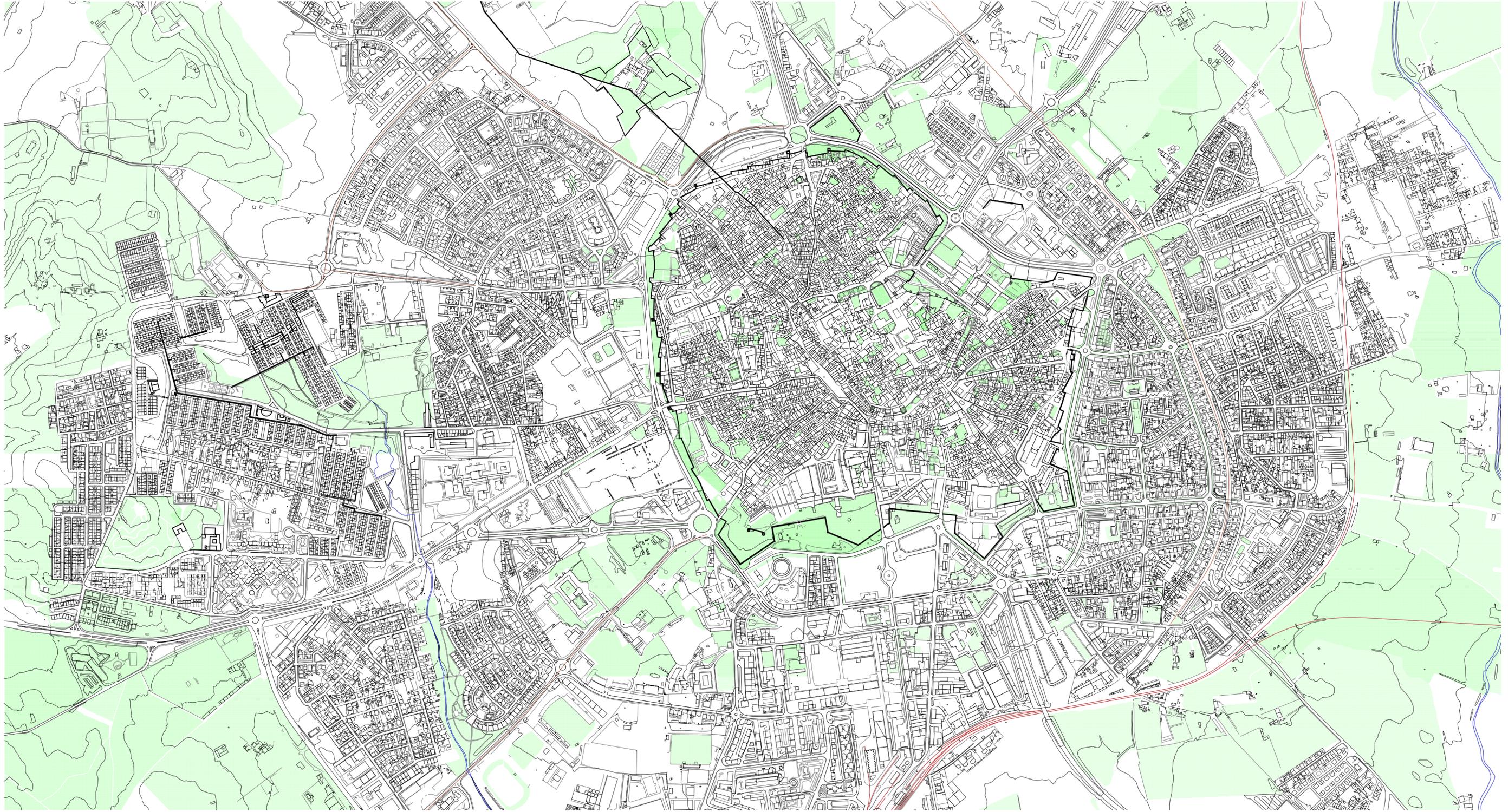
O ponto de inserção não parece inconveniente, e permitiria uma melhor distribuição de trânsito, sem prejuízo para as zonas de habitação.

É evidente que estes são aspectos dependentes de consulta a varias entidades e organismos a que o esquema apresentado suporta eventuais acertos na 2.ª Fase de trabalho.

É explicado que se dá continuidade às intenções do Plano de Expansão — no que diz respeito às áreas verdes e aos equipamentos escolares — e manifesta-se a intenção de pré-selecção de certas áreas, para conterem futuros equipamentos ainda a definir em função das necessidades e de discussões com população e cooperativas e CME.

É também mencionado que, numa primeira fase de construção, iriam ser executados tratamentos paisagísticos — terraplanagens —, os eixos viários e consequentes remates, — este-oeste e norte-sul — assim como uma primeira tranche de habitações, que compreenderiam 350 fogos para a Cooperativa Boa Vontade e outros 100 para a Associação Moradores de S. Sebastião — que mais tarde de tornaria na Cooperativa Giraldo Sem Pavor.





RESTAURANTE / CASA DE CHÁ
MIRADOURO PARA A CIDADE
RELAÇÃO TERRITORIAL

CÚPULA
EDIFÍCIO CONVERGENTE
DO BARRIO DA MALAGUEIRA

QUINTA DA MALAGUEIRA
LIMITE DO BARRIO DA MALAGUEIRA

CERCA FERNANDINA
LIMITE DO CENTRO HISTÓRICO

PIAÇA DO GIRALDO
EDIFÍCIO CONVERGENTE DA CIDADE

SÉ CATEDRAL
RELAÇÃO TERRITORIAL

CERCA FERNANDINA
LIMITE DO CENTRO HISTÓRICO



TIPOLOGIAS/EQUIPAMENTOS NÃO CONSTRUÍDOS

- 1. TIPOLOGIA ESPECIAL T4 (1992-1994)
- 2. RESTAURANTE/CASA DE CHÁ (1992)
- 3. SEDE DA FILARMÓNICA DE ACORDEÕES (ARG. NUNO RIBEIRO LOPES)
- 4. "BROADWAY 2" (1982-1983)
- 5. SEMCÚPULA E CAFETARIA (1977-1999)
- 6. JUNTA DE FREGUESIA E MERCADO
- 7. SEDE DA COOPERATIVA BOA VONTADE (1979-2005)
- 8. APARTHOTEL (1983-1990)
- 9a. ESCOLA DE LINGUAS (1992)
- 9b. CLÍNICA MÉDICA (1997)
- 10. COMPLEXO PAROQUIAL S. JOÃO BOSCO (1988)
- 11. TEATRO AO AR LIVRE (EIMINADO DO PLANO)

